

# ATERCEIRA IDADE

Estudos sobre Envelhecimento

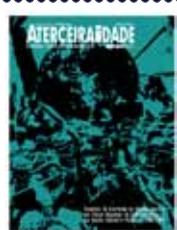
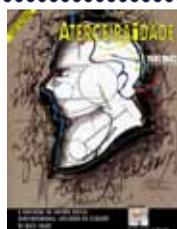
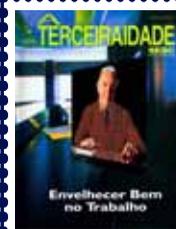
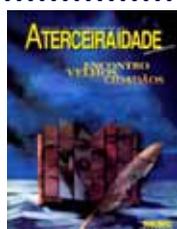
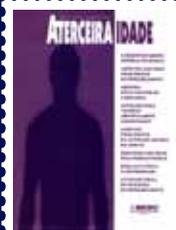
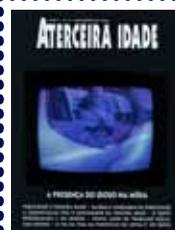
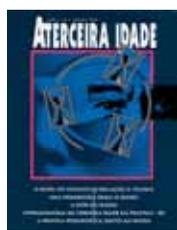
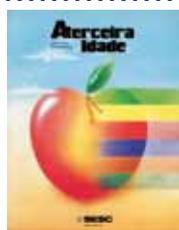
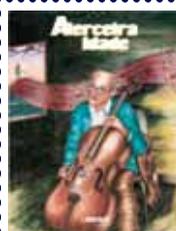
# 20 anos

1988 - 2008

VOL.19 - Nº 43 - OUTUBRO DE 2008

ISSN 1676-0336

SESCSP



20 anos divulgando experiências e reflexões sobre o envelhecimento



# ATERCEIRIDADE

Estudos sobre Envelhecimento

ISSN 1676-0336



**VOLUME 19**  
**NÚMERO 43**  
**OUTUBRO 2008**

Publicação técnica editada pelo  
SESC – Serviço Social do Comércio

**SESCSP**

## **SESC - Serviço Social do Comércio**

Administração Regional no Estado de São Paulo

### **Presidente do Conselho Regional**

Abram Szajman

### **Diretor do Departamento Regional**

Daniilo Santos de Miranda

### **Superintendentes**

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

### **Gerentes**

Estudos e Programas da Terceira Idade

Cláudio Alarcon

Adjunto Lília Ladislau

Artes Gráficas Hércio Magalhães

### **Comissão Editorial**

José Carlos Ferrigno (Coordenação),

Celina Dias Azevedo, Elizabeth

Brasileiro, Evelim Moraes, Fernando

Fialho, Flávia Roberta Costa, Maria

Aparecida Ceciliano de Souza,

Marta Lordello Gonçalves, Maurício

Trindade, Regina Célia Sodrê Ribeiro

Secretária Carla Ferreira da Silva

Editoração e Capa: Lourdes Teixeira

Benedan

Fotografias págs. 7, 28, 40, 60, 70, 75,

76, 79, 81, 86, 89, 93 e 4ª capa:

Nilton Silva; pag. 50: Thiago Vicari

Revisão: Marco Storani

Artigos para publicação podem ser enviados para avaliação da comissão editorial, nos seguintes endereços:

Serviço Social do Comércio

– SESC-SP

Revista "A Terceira Idade" – (GETI)

Av. Álvaro Ramos, 991 - 3º andar

CEP 03331-000 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2607-8241

Fax: 2607-8250

e-mail: revista3idade@sescsp.org.br

---

A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento /Serviço Social do Comércio. ST – Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1, n. 1 (set. 1988) – São Paulo: SESC-GETI, 1988-

A Terceira Idade 1988 – 2006

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos 1. Serviço Social do Comércio

CDD 362.604

---

Esta revista está indexada em:

Edubase (Faculdade de Educação/Unicamp)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID – Sistema Brasileiro de

Documentação e Informação

Desportiva – Escola de Educação Física

– UFMG)

# Sumário

## **7** Educação e envelhecimento – fundamentos e perspectivas

Johannes Doll

## **27** A vida nas dobras... as dobras da velhice

Silvana Tótoro

## **39** Aids na terceira idade

Jean Carlo Gorinchteyn

## **49** Brasil: país de cabelos brancos

Renato Maia Guimarães

## **59** Conflitos e diálogos entre gerações

Paulo de Salles Oliveira

## **70** Entrevista com o músico **Tom Zé**



## Revista A Terceira Idade: há 20 anos divulgando experiências e reflexões sobre o envelhecimento

O pioneirismo do SESC no atendimento aos idosos no campo cultural e o desenvolvimento dos diversos projetos ligados ao chamado Trabalho Social com Idosos, dos anos 60 até hoje, é assunto já abordado inúmeras vezes neste editorial. Outra preocupação do SESC, não tão comentada, é relativa à formação de recursos humanos especializados no campo da gerontologia.

Há décadas, o SESC percebeu que a promoção da qualidade de vida da pessoa idosa passa pela capacitação dos profissionais da área da gerontologia. Nesse sentido, mesmo sendo uma instituição de ensino não-formal, o SESC criou diferentes caminhos para satisfazer essa demanda. Um deles tem sido por meio de cursos, seminários e congressos que disponibilizam, aos profissionais que lidam com idosos, um contato direto com professores, especialistas e pesquisadores da área. Uma segunda iniciativa na mesma direção, foi concretizada em uma Biblioteca Técnica, que possui um rico acervo de estudos sobre a velhice na forma de livros, teses, dissertações, monografias e periódicos nacionais e internacionais. Esse material está à disposição de estudantes e profissionais.

A terceira via para a capacitação profissional se deu em 1988, quando o SESC São Paulo decidiu criar um veículo de divulgação de pesquisas teóricas e empíricas acerca da velhice e do processo de envelhecimento. Esse acontecimento na verdade representava apenas a continuidade de

---

um processo. A nova revista constituiu um desdobramento e um aperfeiçoamento gráfico e de conteúdo dos antigos Cadernos da Terceira Idade, boletim criado em 1977 que buscou, num primeiro momento, servir de intercâmbio técnico entre os profissionais da Instituição. De lá até aqui, a Revista A Terceira Idade evoluiu bastante, assumindo um formato de periódico científico com suas precisas normas de publicação. A incorporação das entrevistas, com idosos notáveis, criou um contraponto cultural dando mais leveza à publicação. E por falar em leveza e descontração, ninguém melhor que o irreverente Tom Zé para nos contar de sua vida e de sua obra musical e que aos 72 anos de idade se encontra em grande forma.

Para esta edição comemorativa, convidamos profissionais de destaque em suas áreas de atuação. Afinal, são vinte anos de existência. Poucas publicações técnicas, dentro ou fora do meio acadêmico, chegaram tão longe e com uma periodicidade tão regularmente mantida. Por isso, queremos compartilhar essa alegria com todos os nossos leitores. Certamente, o apoio de vocês foi decisivo para não só mantermos a circulação deste veículo, mas de sempre procurar aperfeiçoá-lo como instrumento de formação e informação a serviço da melhoria das condições de vida da população idosa.

DANILO SANTOS DE MIRANDA

*Diretor Regional do Sesc São Paulo*



# Educação e envelhecimento – fundamentos e perspectivas

JOHANNES DOLL

## RESUMO

---

O artigo aborda as diferentes interfaces entre educação e envelhecimento. Em um primeiro passo, analisa o conceito de “educação” mostrando a origem da palavra e seu desenvolvimento histórico. O artigo dá um enfoque especial para o desenvolvimento da educação de adultos como uma das bases para uma educação da terceira idade. Em um segundo passo são abordadas as três grandes áreas que constituem a gerontologia educacional: atividades educacionais com pessoas idosas, o envelhecimento como tema da educação e a formação profissional de quem lida com pessoas idosas e envelhecimento. O artigo termina desenvolvendo perspectivas para o trabalho educacional com pessoas idosas e destaca a necessidade de promover um ensino de conhecimentos gerontológicos para o público em geral e, de forma especial, para os profissionais que lidam com pessoas idosas e envelhecimento.

**Palavras-chave:** educação, envelhecimento, educação de adultos, terceira idade.

## ABSTRACT

---

The article addresses the different interfaces between Education and Aging. Firstly, it analyses the concept of “Education” from the standpoint of its etymological origin and historical development, giving a special

Graduado em Teologia Católica e Educação (Alemanha); Mestrado em Educação (UFRGS), Gerontólogo (Universidade de Heideiberg, Alemanha); Doutor em Filosofia (Universidade Koblenz-Landau, Alemanha); Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento - UFRGS  
johannes.doll@ufrgs.br

focus to the development of Adult Education as one of the foundations of elderly education. Secondly, it analyses the three major areas of Educational Gerontology: educational activities with elderly people, aging as a theme in Education and professional training for those who work with older people and aging. Finally, the article develops perspectives for educational activities with older people, stressing the need to provide appropriate gerontology training for people in general, particularly for professionals who work with older people.

**Keywords:** education, aging, adult education, old age

## INTRODUÇÃO

---

“Educação é importante!” Certamente, todo mundo concorda com esta afirmação, pensando principalmente na preparação das novas gerações, na busca de emprego, no avanço da economia e no futuro do nosso país. Já o envelhecimento parece ter pouca relação com a educação. Nesta área, questões da saúde, das relações sociais, das capacidades cognitivas e do serviço social parecem mais fortes. De fato, no trabalho com pessoas idosas, o aspecto educacional apareceu somente em um segundo momento. Assim, na França dos anos de 1970, já existiam mais de 2.000 grupos de idosos quando se formou a primeira universidade da terceira idade em Toulouse, no ano de 1973 (ARNOLD et al., 2000). Isso aconteceu de forma parecida no Brasil. O primeiro trabalho com pessoas idosas, iniciado pelo SESC/SP em 1963, focalizou-se no encontro social e na ocupação do tempo livre dos aposentados.

Os primeiros Grupos de Convivência de Idosos do SESC de São Paulo caracterizaram-se fundamentalmente pelas atividades sociais, esportivas e recreativas, com uma programação que oferecia aos idosos uma série de oportunidades descontraídas para a sociabilização: jogos de salão, gincanas, animações musicais dançantes, bailes, passeios – trazendo como benefício a sensação de bem-estar físico e emocional decorrente dessas atividades. (SESC, 2003, p. 46)

Embora neste trabalho certamente existiam elementos educacionais implícitos (SALGADO, 2007), o foco na ação educacional, de forma explícita, apareceu somente mais tarde, em 1977, com o surgimento do projeto das Escolas Abertas da Terceira Idade do SESC, inspirado nas universidades da terceira idade (SESC, 2003).

Mas não somente no trabalho prático com pessoas idosas, também no campo das pesquisas e reflexões científicas, a educação apareceu mais tarde no campo do envelhecimento. Por exemplo, as primeiras grandes revistas gerontológicas e geriátricas surgem nos anos de 1940 nos Estados Unidos, ao passo que o aparecimento de uma revista especializada em questões educacionais em relação ao envelhecimento data somente de 1976, a revista *Educational Gerontology*.

Apesar deste início tardio, a educação ganhou um espaço importante no amplo campo das atividades em relação ao envelhecimento. A proposta deste artigo é demonstrar as diferentes interfaces que existem entre educação e envelhecimento, analisar as atividades hoje realizadas nessas interfaces e desenvolver perspectivas para o futuro. Para isso serão desenvolvidas, em um primeiro passo, algumas idéias básicas sobre a educação e o desenvolvimento deste conceito durante os séculos. Em um segundo passo serão analisados os diferentes espaços entre educação e envelhecimento. Finalmente gostaria de apontar algumas perspectivas para os trabalhos educacionais no campo do envelhecimento no futuro.

### **Educação durante os séculos e nas sociedades contemporâneas**

Educação faz parte de um grupo de palavras que está sendo usado por muitas pessoas em muitas ocasiões, mas perguntando-se sobre o significado desta palavra, a resposta geralmente é difícil. Afinal, o que é “educação”?

Em uma primeira aproximação podemos dizer que educação é um processo intencional que busca levar outras pessoas a certo tipo de comportamento. Esse tipo de comportamento desejado é vinculado ao que se define, em uma determinada sociedade, como “ser educado”. Dessa forma fica evidente que educação não pode ser pensada fora do contexto concreto e real de uma sociedade. Importante ainda destacar que se trata de

---

EDUCAÇÃO VEM DO VERBO LATINO “EDUCARE”, RELACIONADO À PREPOSIÇÃO “EX” E AO VERBO “DUCERE”, O QUE SIGNIFICA “GUIAR PARA FORA”. ESTA IDÉIA DE GUIAR REMETE A UMA DESIGUALDADE ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO.

---

um processo intencional, o que quer dizer que ela não resulta do acaso, mas existe uma vontade, seja consciente, seja inconsciente, que quer educar e levar os outros ao comportamento desejado.

Para uma definição mais específica de “educação” é necessário recorrer a teorias educacionais. Sem querer repassar toda a história dessas teorias, gostaria de destacar, seguindo as análises de Oelkers (2008), alguns aspectos-chave que podem ajudar a melhor compreender este conceito.

Educação vem do verbo latino “educare”, relacionado à preposição “ex” e ao verbo “ducere”, o que significa “guiar para fora”. Esta idéia de guiar remete a uma desigualdade entre educador e educando. O educador exerce certa autoridade sobre o educando, que pode ser, dependendo da relação educador-educando e do tipo de educação, desde uma autoridade benevolente e limitada até um autoritarismo absoluto e destruidor. Durante todos os séculos, a vinculação da educação com a moral e o comportamento ético sempre foi forte, um traço que já existia na época grega e romana, quando se discutiu se as virtudes podem ser ensinadas. Mesmo com outros enfoques, a questão moral continua até hoje um aspecto importante da educação.

Outro elemento decisivo para a educação é a visão do homem, a perspectiva antropológica, que está por trás de uma determinada teoria educacional. Assim podemos observar nos séculos XVII e XVIII o desenvolvimento de duas posições educacionais opostas, que partem de diferentes concepções do homem e que continuam influenciando até os dias de hoje.

Por um lado encontramos o filósofo empirista John Locke (1632-1704), que pressupõe que as pessoas nascem como “tábula rasa”, como uma folha branca de papel. O que vai constituir uma pessoa são impulsos externos, informações que entram na pessoa por meio dos seus sentidos e formam não só a base de saber e conhecimento da pessoa, mas moldam a própria personalidade dela. A partir desta visão, a teoria educacional de John Locke é altamente otimista em relação à possibilidade de educar as pessoas, o que deve ser feito por uma educação bem planejada e organizada.

Uma mente sábia num corpo são, é uma curta mas completa descrição de um estado de felicidade neste mundo: aquele que tem ambos não tem muito mais a almejar (...) de todos os homens com quem encontramos, nove em dez são o que são, bons ou maus, úteis ou não, pela sua educação. (JOHN LOCKE, *Thoughts concerning education*, apud PALMER, 2005, p. 61)

Uma posição contrária é defendida por outro filósofo, Jean Jacques Rousseau (1712-1778). Ao passo que Locke destaca a possibilidade e a necessidade de formar as crianças – ele utiliza até a imagem da cera – Rousseau aponta para o desenvolvimento natural e independente das crianças, cuja formação geralmente é perturbada pelas influências da sociedade. Dessa forma, Rousseau defende uma “educação negativa”, quer dizer, a vontade educadora deve ser contida. Mais importante do que influenciar as crianças é garantir a elas espaço e liberdade para crescer. Resumindo, é melhor ter menos educação do que demais. Esta visão pessimista em relação à ação dos homens em geral e à educação dos homens em especial, Rousseau já expressa na primeira frase do seu livro famoso, *Emílio, ou da educação*: “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem” (ROUSSEAU, 2004, p. 7).

---

O CONTEXTO QUE FAVORECEU O INTERESSE NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS SE DEVE ÀS MÚLTIPLAS MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES QUE ACONTECERAM DURANTE ESSE SÉCULO.

---

Estas duas linhas educacionais focalizam-se na educação de crianças e jovens. De fato, desde os séculos XVII e XVIII surge uma crescente preocupação com as questões da educação, motivada tanto por razões religiosas quanto por questões políticas (VARELA e ALVAREZ-URIA, 1992). A partir da *Didática magna* de Jan Amos Comenius, que propõe uma educação para todos, podemos observar uma transformação da instituição “escola”. Antes, a escola era uma instituição restrita à formação do clero, onde, na forma de escolas de monastérios ou escolas episcopais, um pequeno grupo aprendia a ler, escrever e latim (ULLMANN, 2000). Com o crescente interesse na educação das novas gerações, essa instituição ganhou aos poucos em importância até alcançar toda a população e se tornar a principal instituição educacional. Com esta institucionalização da educação por intermédio da escola podemos começar a falar em uma educação formal, marcada por um currículo definido e por certificados de conclusão.

Esse processo de institucionalização e formalização da educação reforçou o foco para uma educação na infância e juventude. Apesar de sempre terem existido ações educacionais de e para adultos, como mostra Osorio (2005), as discussões educacionais e a formação de profissionais da educação concentraram-se desde então na educação de crianças e jovens. Isso mudou somente durante o século XX.

Como já observamos anteriormente, a educação sempre possuía uma forte relação com questões, desafios e problemas da sociedade. Isso se evidenciou durante o século XX, quando assistimos a uma ampliação do espaço da educação também para os adultos. O contexto que favoreceu o interesse na educação de adultos se deve às múltiplas mudanças e transformações que aconteceram durante esse século. Mudanças que não só afetaram o mundo do trabalho, as formas de produção e distribuição, mas também as formas de comunicação, as estruturas das sociedades e das famílias, as formas de governo e as relações humanas. A institucionalização de mudanças constantes levou à necessidade de se adaptar constantemente, de continuar a aprender, mesmo depois da formação inicial da escola. Neste contexto, cresce o interesse em pensar uma educação

---

MAS NEM TODA EDUCAÇÃO  
ACONTECE NO SISTEMA ESCOLAR.  
ENCONTRAMOS MUITAS OUTRAS  
ATIVIDADES EDUCACIONAIS COMO  
CURSOS, PALESTRAS, SEMINÁRIOS.  
ESTAS FORMAS EDUCACIONAIS SÃO  
CHAMADAS DE EDUCAÇÃO NÃO-  
FORMAL.

---

de adultos como uma nova postura do homem moderno. O reflexo desse interesse crescente na educação de adultos podemos encontrar nos documentos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), criada em 1946, após a Segunda Guerra Mundial. No Relatório Faure – os relatórios publicados regularmente sobre a situação da educação no mundo levam o nome do coordenador do grupo internacional de trabalho – publicado em 1972, encontramos uma forte preocupação em rever a concepção de educação. Ela não deve ser mais vista como um conteúdo determinado a ser assimilado pelo aluno, mas como um processo contínuo, marcado pela diversidade das experiências, que deve permitir ao aprendiz ser cada vez mais ele mesmo. Na parte final do relatório, encontra-se como primeiro princípio “o direito de todo indivíduo a ter a possibilidade de aprender durante toda sua vida” (OSORIO, 2005, p. 20).

Não há como negar que a inovação tecnológica e a conseqüente necessidade de uma atualização constante no mundo de trabalho eram impulsos extremamente fortes para o desenvolvimento de uma educação de adultos. Mesmo assim, é importante destacar que os documentos da Unesco integraram também uma outra tradição, a da educação de adultos como processo emancipatório, que remete ao ideal do Iluminismo, segundo o qual a razão (e a educação para tal) deveriam conduzir o homem para a independência e a liberdade. Trata-se de uma concepção educacional que no Brasil está fortemente vinculada ao trabalho de Paulo Freire, iniciado mais de 60 anos atrás e desenvolvido entre 1946 e 1957

no contexto do Sesi, e que continua inspirando o trabalho no campo da educação de adultos e idosos até hoje (veja, por exemplo, SILVA, 2008).

Ao integrar as diferentes tendências educacionais, a Unesco chega a uma concepção ampla de educação que visa desenvolver o ser humano como um todo. Essa concepção encontra sua expressão nos quatro pilares da educação, destacados no Relatório Delors (1996): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Estes princípios apontam para uma educação muito além do espaço escolar e podem muito bem servir para fundamentar uma educação permanente, que inclui todas as faixas etárias, também adultos e idosos, como destaca Cachioni e Palma (2006).

Com isso encontramos uma ampliação do conceito da educação, pois este novo conceito perpassa as instituições educacionais clássicas, abrindo o olhar para atividades educacionais em outros espaços. Uma possibilidade interessante para estruturar esta educação ampliada encontramos na divisão entre educação formal, educação não-formal e educação informal.

O primeiro conceito, a educação formal, é aquela educação clássica, organizada em instituições específicas de ensino, que possui uma determinada seqüência, uma estrutura, um currículo e conduz normalmente a um determinado nível de instrução, oficializado por um diploma.

Mas nem toda educação acontece no sistema escolar. Encontramos muitas outras atividades educacionais como cursos, palestras, seminários. Estas formas educacionais são chamadas de educação não-formal. Silvestre (2003) cita Coombs, provavelmente um dos primeiros a utilizar o conceito da educação não-formal, a qual ele entende como uma variedade de atividades educacionais que possuem três características em comum: elas são intencionais, o que significa que são organizadas de forma consciente como atividade educacional; elas acontecem fora do ambiente escolar, estando geralmente livres das normas da educação formal; e elas podem ser desenvolvidas para atender interesses específicos ou de determinados grupos.

Finalmente encontramos a educação informal, que se refere a uma educação pela convivência, sem que haja uma intencionalidade expressa ou uma organização específica para alcançar determinados objetivos. Silvestre (2003) destaca como elementos da educação informal o caráter

espontâneo, a forma involuntária de aprendizagem, uma progressão permanente durante a vida inteira e seu caráter ocasional.

Com esta concepção ampliada de uma educação durante a vida inteira em diferentes espaços combina também uma nova teoria educacional, que vai além das concepções de John Locke e de Jean Jacques Rousseau. Essa nova teoria, vinculada a teóricos como George Herbert Mead e Talcott Parsons, compreende o processo de educação como uma influência mútua de diferentes atores em determinados contextos sociais (OELKERS, 2008). Esta perspectiva ampliada de uma teoria educacional consegue agora também abranger processos educacionais em diferentes espaços e em todas as idades, adequando-se dessa forma mais às discussões educacionais atuais.

Resumindo podemos dizer que a educação, um tema antigo do ser humano e fortemente vinculado à idéia do ser humano que existe em uma determinada sociedade, ganhou uma atenção especial a partir do século XVII. Isso levou à criação, ou melhor, ampliação de instituições educacionais específicas – as escolas – para toda a população. Assistimos agora nas sociedades contemporâneas a uma nova “desinstitucionalização” da educação, que não fica mais restrita às escolas, nem à infância e juventude. Educação é vista hoje como um processo que deve acontecer durante toda a vida, tanto em instituições formais (escola, universidade), quanto de forma não-formal, como em cursos de atualização, palestras, encontros, debates, etc. Nesta ampliação da educação, também ganham atenção os processos de educação informal, aqueles processos que acontecem no cotidiano por meio da convivência, mas também por meio das mídias, e que nos fazem aprender muitas coisas, desde nossa língua materna até nossos comportamentos, valores e convicções.

### **Gerontologia educacional**

A primeira idéia, quando se fala de educação e envelhecimento, é certamente de cursos para pessoas idosas, seja no contexto de uma universidade da terceira idade, seja no contexto de um curso de inclusão digital ou em algum curso parecido. De fato, o trabalho educacional com pessoas idosas constitui a parte mais importante e mais desenvolvida das interfaces entre educação e envelhecimento. Mas não é o único tema que pode ser abordado.

Em 1976, quando foi lançada nos Estados Unidos a revista científica *Educational Gerontology* (Gerontologia Educacional), um artigo especial foi dedicado para discutir este campo novo. Nesse artigo, David A. Peterson, da Universidade de Nebraska, estruturou o campo da gerontologia educacional da seguinte maneira:

Gerontologia educacional é o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre velhice e indivíduos idosos. É possível observar três diferentes, mas relacionados aspectos: (1) atividades educacionais voltadas para pessoas com meia-idade ou idosos; (2) atividades educacionais para um público geral ou específico sobre envelhecimento e pessoas idosas; e (3) preparação educacional para pessoas que trabalham ou pretendem trabalhar em relação a pessoas idosas como profissionais ou de forma profissional. (PETERSON, 1976, p. 62, tradução Johannes Doll)

Apesar de várias discussões nas últimas décadas sobre o campo e o enfoque da gerontologia educacional, esta divisão em três áreas me parece importante até hoje. O primeiro campo seria então o trabalho educacional com pessoas maduras ou idosas, no sentido de cursos, de palestras, mas também em trabalhos socioeducativos.

A segunda área de interface entre educação e envelhecimento transfere o foco do público idoso do primeiro campo para o tema do envelhecimento. A temática do envelhecimento interessa não somente às pessoas idosas, mas deveria interessar muito mais às outras faixas etárias. Nesta área poderíamos pensar, por exemplo, na abordagem do tema envelhecimento na escola. Outra forma que poderia ser pensada neste contexto seriam cursos para pessoas adultas, que se interessam pela questão do envelhecimento em uma perspectiva de prevenção.

A terceira área, finalmente, aborda a questão da formação profissional de pessoas que vão trabalhar diretamente com pessoas idosas. Tendo em vista o crescimento rápido da população idosa e o fato de que especialmente as profissões da área da saúde lidam cada vez mais com pacientes idosos, fica evidente que os profissionais precisam estudar esta temática nos seus cursos de formação e de atualização.

---

A PRIMEIRA IDÉIA, QUANDO SE FALA DE EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO, É CERTAMENTE DE CURSOS PARA PESSOAS IDOSAS, SEJA NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE, SEJA NO CONTEXTO DE UM CURSO DE INCLUSÃO DIGITAL OU EM ALGUM CURSO PARECIDO.

---

Estas três interfaces entre educação e envelhecimento não se desenvolveram da mesma forma. Enquanto o primeiro ponto – o trabalho educacional com pessoas idosas – cresceu muito e diversificou-se nas últimas décadas, não podemos dizer a mesma coisa das outras duas áreas. Trabalhos educacionais sobre o envelhecimento na escola ou para um público geral ainda são bastante raros, como também os currículos da formação profissional, especialmente no campo da saúde, continuam com pouquíssimas informações sobre a pessoa idosa e o envelhecimento. Analisaremos em seguida cada um dos três tópicos para melhor compreender o desenvolvimento e as dificuldades que os temas enfrentam.

### Atividades educacionais com pessoas idosas

---

NO BRASIL, OS TRABALHOS COM FOCOS EDUCACIONAIS PARA PESSOAS IDOSAS COMEÇARAM PELO SESC, QUE OS INICIOU EM 1977 POR MEIO DAS ESCOLAS ABERTAS (SESC, 2003). MAS FOI SOMENTE A PARTIR DOS ANOS DE 1990 QUE A PREOCUPAÇÃO COM A EDUCAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS GANHOU MAIOR DIMENSÃO.

---

Os primeiros trabalhos com pessoas idosas desenvolveram-se, em praticamente todos os países, em uma perspectiva assistencialista, procurando atender necessidades básicas de pessoas idosas em condições desfavoráveis e oferecer alguma forma de contato social. Os idosos eram geralmente percebidos como pessoas que precisavam de ajuda. Os grupos de convivência, as primeiras formas de atendimento, ofereciam, principalmente, alguma atividade, entretenimento e relações sociais. Kolland (2005) chama esse trabalho com pessoas idosas de “caritativo-custodial”. Não se pode excluir que nesses grupos aconteçam processos educativos, mas a questão educacional é nesse tipo de trabalho certamente secundária.

Um foco específico nas atividades educacionais apareceu geralmente mais tarde no trabalho com as pessoas idosas. Para implantar um trabalho mais educacional, era necessário modificar a própria imagem que os profissionais ou voluntários tinham das pessoas idosas. Pois, se os idosos são percebidos como pessoas com defeitos, com problemas, a tendência é um atendimento assistencialista. Atividades educacionais só podem ser oferecidas a pessoas que julgamos capazes de aprender. Dessa forma, as atividades educacionais com pessoas idosas desenvolveram-se, em muitos casos, no contexto de instituições educacionais, como universidades ou instituições de educação continuada.

De forma geral, podemos constatar que trabalhos com enfoques mais educacionais com pessoas idosas começaram a se desenvolver a partir

dos anos de 1970. Encontramos na França a criação da primeira Universidade da Terceira Idade, em Toulouse, e nos anos seguintes também em outros países europeus. Uma forma que se desenvolveu especialmente nos Estados Unidos de forma extraordinária é o programa “elderhostel”, iniciado em 1975 e que junta a idéia de viagem e turismo com experiências educacionais. Baseado na instituição dos albergues da juventude, que se encontram principalmente na Europa e que permitem a jovens viajar, conhecer outros lugares e aprender a preços acessíveis, esta idéia foi levada para os Estados Unidos, mas então para as pessoas idosas. No início, foram principalmente universidades que abriram as casas de estudantes durante as férias para os idosos, e hoje existe toda uma rede, com possibilidades de viajar e estudar, para pessoas com mais de 55 anos, o que torna o “elderhostel” o mundialmente maior programa educacional para idosos (DONICHT-FLUCK, 1992).

No Brasil, os trabalhos com focos educacionais para pessoas idosas começaram pelo SESC, que os iniciou em 1977 por meio das escolas abertas (SESC, 2003). Mas foi somente a partir dos anos de 1990 que a preocupação com a educação de pessoas idosas ganhou maior dimensão. Nessa época, foram principalmente as universidades da terceira idade, com suas diferentes estruturas e modalidades, que puxaram o trabalho educacional para a frente (CACHIONI, 2003). Neste campo, podemos diferenciar entre três modelos. O modelo mais presente no contexto brasileiro são universidades da terceira idade que oferecem, como projeto de extensão, uma variedade de cursos e atividades voltadas para pessoas idosas, muitas vezes também para adultos maduros. Neste modelo, existe uma interação com a universidade em geral por intermédio dos docentes, que são muitas vezes professores da instituição, mas também por meio de um certo intercâmbio com alunos, que podem trabalhar nesse projeto como bolsistas, voluntários ou fazer estágios. Diferente deste modelo são os projetos de universidade da terceira idade, onde os alunos idosos assistem às aulas regulares da universidade, o que leva a uma interação maior entre estudantes jovens e idosos. A presença de alunos idosos nas aulas regulares representa um certo desafio para os docentes, que normalmente não estão acostumados a isso, mas traz também um enriquecimento interessante. Um terceiro modelo, finalmente, são os projetos em que as pessoas idosas se encontram no contexto da universidade, mas elas mesmas assumem a organização do trabalho

educacional, atuando como docentes para os colegas, desenvolvendo projetos em conjunto ou convidando palestrantes sobre temas que foram escolhidas pelo grupo dos idosos.

Além dos grupos de convivência e das universidades da terceira idade, encontramos hoje também outras formas de trabalho educacional, como palestras, oficinas ou encontros para idosos. Gostaria de destacar ainda uma forma que, à primeira vista, pode não parecer um trabalho educacional: o trabalho político nos conselhos municipais e estaduais dos idosos, nas conferências do idoso ou nos fóruns regionais, em que o engajamento de pessoas idosas leva a aprendizagens significativas em uma perspectiva de educação informal.

Outros campos diferentes de uma educação de idosos podemos encontrar no contexto das atividades físicas, em que a aprendizagem e a prática de um esporte representam um campo rico de experiências educativas de diferentes tipos. Ao passo que a grande maioria das atividades educacionais acontece em uma perspectiva de educação não-formal ou informal, podemos encontrar também no espaço da educação formal pessoas idosas. No contexto da EJA, Educação de Jovens e Adultos, encontra-se um grupo significativo de pessoas idosas, que na sua época não conseguiram, pelas mais variadas razões, uma formação escolar e procuram isso agora na sua velhice.

O que chama atenção é que as razões e os objetivos de atividades educacionais para pessoas idosas podem ser muito diferentes. De fato, sabemos hoje que as pessoas idosas constituem um grupo altamente heterogêneo que também possui interesses educacionais muito diferentes. Para estruturar um pouco este campo, podemos pensar em seis diferentes dimensões de uma educação de idosos, que podem se perpassar, mas representam geralmente interesses e focos diferentes e mostram um pouco a abrangência deste campo:

**Dimensão socioeducativa:** o foco desta dimensão é o desenvolvimento de contatos e relações sociais e a capacidade de conviver com outras pessoas. Compartilhar, trocar idéias e experiências, desenvolver atividades de forma conjunta, aprender a escutar e respeitar o outro na sua especificidade são os aspectos principais desse tipo de aprendizagem (SALGADO, 2007). Esta dimensão não é restrita à convivência de pessoas idosas; especialmente a convivência de diferentes gerações pode ser um aspecto bastante importante para desenvolver uma dimensão socioeducativa (FERRIGNO, 2003).

**Dimensão de lazer:** a saída do mundo de trabalho, a saída dos filhos de casa, estes dois eventos representam para muitos idosos um aumento grande de tempo livre, que pode significar um certo vazio na vida. Uma das possibilidades de preencher esse tempo podem ser atividades educativas, como fazer cursos, adquirir novos conhecimentos, leituras, visitas a museus etc. Cuidar da sua formação é certamente uma boa possibilidade de preencher o tempo livre, porém isso é apreciado quase só por pessoas que relacionaram atividades educacionais com lazer e prazer já antes de entrar na velhice (DOLL, 2007). Por isso preencher o vazio deixado pela saída do mundo de trabalho por meio de atividades educativas funciona somente para um pequeno grupo, aliás não só no Brasil (KOLLAND, 2005).

**Dimensão compensatória:** às vezes, a vida leva-nos por caminhos que não tínhamos pensado. Sonhamos em estudar, mas a necessidade de ganhar dinheiro e sustentar a família acabou com este sonho. Para pessoas que sempre queriam aprender algo, mas não tiveram possibilidade para isso, existe a possibilidade de realizar este sonho agora na idade avançada. Esta dimensão encontramos tanto em cursos de alfabetização para pessoas idosas, em cursos de línguas, em cursos universitários. Nesta perspectiva, atividades educativas procuram compensar o que não foi possível ou alcançado na juventude ou na vida adulta.

**Dimensão emancipatória:** quando nós compreendemos melhor o mundo que nos rodeia, temos mais possibilidades de intervir e não ficar somente à mercê de forças externas a nós. Para isso dois aspectos são necessários: primeiro acreditar na sua capacidade de aprender e compreender o mundo e, segundo, dispor das competências ou de instrumentos adequados para participar de forma ativa na sociedade. Estes aspectos, defendidos por Paulo Freire, podem ser construídos em um processo educativo (FREIRE, 1987). No contexto de trabalho com pessoas idosas, especialmente em condições desfavoráveis, este foco é da maior importância, pois, além de outros preconceitos que possam existir em relação a esse grupo (classe social, etnia, gênero), ainda há os preconceitos em relação à idade.

**Dimensão de atualização:** o tempo hoje é marcado por rápidas mudanças, o que significa que, sem uma atualização constante, existe o perigo de ter menos possibilidades de participação na sociedade. Um exemplo

---

CERTAMENTE TER ALGUNS CONHECIMENTOS SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO NÃO SERÁ O SUFICIENTE PARA ACABAR COM PRECONCEITOS ENRAIZADOS NA CULTURA. MAS, PELO MENOS, PODE SER UM INÍCIO PARA DESMONTAR IDÉIAS DISTORCIDAS SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E AS PESSOAS IDOSAS.

---

---

EM PRIMEIRO LUGAR PERCEBEMOS A NECESSIDADE DE INFORMAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO, QUE DEVEM SER FORNECIDAS JÁ DURANTE A FASE ESCOLAR E AJUDAR A COMPREENDER A VIDA HUMANA NA SUA INTEIRA EXTENSÃO, INCLUINDO POSSIBILIDADES DE VIDA SIGNIFICATIVA EM CADA FASE.

---

disso é a questão do uso da informática e do computador. Certamente é possível viver sem o uso deste instrumento, mas, de fato, ela pode trazer uma série de vantagens. Agora, para se familiarizar com a informática, cursos de inclusão digital, voltados especificamente para pessoas idosas, são uma boa opção e a oferta cresce, muitas vezes ligada a universidades da terceira idade ou a outras instituições de formação continuada. Neste sentido, a educação preenche uma função importante para se manter atualizado (veja, por exemplo, KACHAR, 2001).

**Dimensão de manutenção das capacidades cognitivas:** os dados das pesquisas gerontológicas demonstram claramente que as capacidades que continuamos exercendo mantêm seu funcionamento, ao passo que a passividade leva à perda de capacidades. Isso vale também para nossas capacidades cognitivas como a memória e a reflexão. Dessa forma, utilizando nosso cérebro, manter-se informado, continuar aprendendo, treinando a memória é a melhor forma de se proteger ou amenizar possíveis perdas cognitivas que possam acontecer, geralmente por causa de doenças.

### Envelhecimento como tema da educação

O segundo espaço de interface entre educação e envelhecimento é o ensino de aspectos do envelhecimento para a população em geral. Este aspecto é tão importante que foi incluído na Lei da Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/94):

- inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;
- desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento.

Mas qual é a importância de ensinar a população sobre o envelhecimento? A própria lei dá uma pista – para diminuir os preconceitos existentes. Certamente ter alguns conhecimentos sobre o processo de envelhecimento não será o suficiente para acabar com preconceitos en-

raizados na cultura. Mas, pelo menos, pode ser um início para desmontar idéias distorcidas sobre o processo de envelhecimento e as pessoas idosas.

Um segundo argumento para ensinar a população geral sobre o envelhecimento é o fato de que a grande maioria de nós vai chegar lá. Ao passo que antigamente as pessoas morriam em qualquer idade, principalmente na primeira infância, a grande maioria chega hoje aos 70, 80 ou mais anos de vida. Com esta relativa segurança de uma vida longa, surge o desafio para nós em pensar nossa vida na sua inteira extensão. O pesquisador Imhof (1988) lembra a necessidade de termos um projeto para nossa vida, que abrange todas as idades e a completa extensão da vida.

A necessidade desta idéia fica evidente quando se percebem as dificuldades de muitas pessoas em adaptar-se a uma vida pós-trabalho. Para muitos, o projeto das suas vidas era voltado quase exclusivamente para a vida profissional. Mas eles não consideram o fato de que hoje muitas pessoas vivem ainda 20, 30 ou até mais anos depois da sua aposentadoria. Certamente tempo demais para não fazer nada de significativo...

Aqui se abrem espaços importantes para o campo da educação. Em primeiro lugar percebemos a necessidade de informações sobre o envelhecimento, que devem ser fornecidas já durante a fase escolar e ajudar a compreender a vida humana na sua inteira extensão, incluindo possibilidades de vida significativa em cada fase. Outro aspecto educacional importante seria uma preparação adequada para a aposentadoria. E depois, a busca por atividades significativas na vida pode também ser compreendida como um processo educativo.

### **Formando para trabalhar com o envelhecimento**

O envelhecimento populacional traz também reflexos para o campo profissional. No Brasil, a relação entre o perfil profissional e a gerontologia ainda é incipiente (BOTH, 2005), mas torna-se altamente necessário aprofundar reflexões sobre uma formação adequada de profissionais que atuam com pessoas idosas (CORTELLETTI, 2005).

Na maioria dos casos, essa formação acontece de modo complementar por intermédio de cursos de especialização, seminários ou de formação continuada. Mas seria altamente necessário incluir tal for-

mação também nos currículos, onde essa temática ainda está muito pouco contemplada. De fato, essa inclusão é sustentada pela Lei nº 8.842, de 1994, art. 10, inc. III, c: “incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos universitários”. Isso, porém, exige mudanças curriculares que nem sempre são muito fáceis de serem realizadas.

A inclusão de novas temáticas em um currículo é um tema que está sendo discutido no contexto das teorias de currículo. Uma análise por esta perspectiva teórica ajuda a compreender as dificuldades e chances dessa discussão (DOLL, 2004). No contexto da nossa discussão, podemos constatar que os currículos atuais tendem a ficar sobrecarregados com conteúdos que os alunos devem estudar. Com isso, acontece uma disputa entre os assuntos que devem entrar no currículo e aqueles que não conseguem encontrar um lugar. Nesse debate, as disciplinas tradicionais, com a força de professores especialistas no assunto, tendem a ter vantagens. De fato, temos ainda muito poucos professores com uma formação gerontológica que poderiam pleitear a inclusão desta temática nos currículos.

Na verdade, existem várias formas possíveis de inclusão além da existência de disciplinas obrigatórias. Às vezes, fica mais fácil começar com a inclusão de uma disciplina eletiva ou com a modificação de uma disciplina já existente para introduzir o tema. Outras formas importantes são projetos de extensão e de pesquisa ou estágios, pois os currículos de hoje valorizam cada vez mais estas atividades complementares para a formação do aluno. Finalmente poderíamos pensar em eixos ou temáticas transversais nos currículos. Por exemplo, na área da saúde é possível criar eixos, perpassando as diferentes disciplinas, que tratem das diferentes faixas etárias: saúde da criança, saúde do adulto, saúde do idoso.

Realmente, existem muitas possibilidades de incluir a questão do envelhecimento na formação profissional, mas o primeiro e mais importante passo é a presença de um professor com conhecimentos sólidos sobre o envelhecimento que possa disputar esses espaços.

## Perspectivas e conclusões

O trabalho educacional com pessoas idosas já avançou muito, mas mesmo assim existem muitos desafios pela frente. Observando as mudanças demográficas, é possível perceber que o grupo de idosos que mais cresce são as pessoas com 80 e mais anos. Em países como a Espanha estes já representam 40% da população idosa. Isso significa que será necessário pensar propostas educacionais para esse grupo de pessoas muito idosas. Nesse grupo já existem mais pessoas com comprometimentos de saúde; nesse grupo o número de pessoas com certos comprometimentos cognitivos aumenta (BALTES e SMITH, 2006). Isso não significa que elas não possam mais participar de atividades educacionais, muito pelo contrário. Estudos atuais apontam para a contribuição significativa de trabalhos como treinamento de memória (OLCHIK, 2008) ou de inclusão digital para pessoas depressivas (PASQUALOTTI, 2008). Então, uma das tarefas da educação será a inclusão de novos e diferentes grupos de pessoas idosas com necessidades específicas nas atividades educacionais.

Outro desafio será para o próprio campo da educação. De fato, a educação desenvolveu, até agora, pouco engajamento no trabalho com pessoas idosas. Podemos afirmar a posição de Osorio (2005), que observa que nós da educação esquecemos de construir uma pedagogia gerontológica, pois a terceira idade foi a grande esquecida da pedagogia. Percebe-se isso na escassez de reflexões aprofundadas e de teorias educacionais consistentes a respeito de atividades educacionais para pessoas idosas. Os reflexos disso são, entre outros, uma falta de preparação profissional adequada para docentes e professores que trabalham com pessoas idosas (CACHIONI, 2003).

Como último ponto gostaria de destacar ainda uma mudança profunda na relação entre sociedade e pessoa idosa, à qual estamos assistindo no momento, que vai trazer novos temas para a educação de idosos. O papel dos idosos nas sociedades modernas estava seriamente comprometido, pois em um paradigma da produtividade, marcado pela figura do *homo faber*, aquele que constrói, que atua, que manipula o mundo, o idoso, o aposentado não “valia” mais. Esta exclusão dos idosos ficou conhecida na gerontologia como o “papel sem papel” dos aposentados

---

O TRABALHO EDUCACIONAL COM PESSOAS IDOSAS JÁ AVANÇOU MUITO, MAS MESMO ASSIM EXISTEM MUITOS DESAFIOS PELA FRENTE. OBSERVANDO AS MUDANÇAS DEMOGRÁFICAS, É POSSÍVEL PERCEBER QUE O GRUPO DE IDOSOS QUE MAIS CRESCE SÃO AS PESSOAS COM 80 E MAIS ANOS.

---

e idosos. A sociedade não conseguiu oferecer um papel interessante e estimulante aos seus membros quando saíram da sua vida produtiva.

Percebemos hoje uma mudança do paradigma, uma crescente importância de uma nova figura, do homem econômico. A participação na sociedade não acontece mais tão fortemente por intermédio do trabalho, mas por meio do consumo (MARQUES, 2007). Parafrazeando a famosa frase de Descartes, poderíamos dizer hoje “Consumo, logo existo”. Esta mudança traz reflexos para a imagem da pessoa idosa na sociedade. Por um lado, libera os idosos do paradigma da exclusão pela falta de trabalho produtivo, por outro lado pode significar uma inclusão no mundo de consumo, com chances e perigos. De forma concreta, assistimos hoje a essa inclusão por meio da figura do crédito consignado aos aposentados e pensionistas. Isso leva a dois desafios educacionais: a um aspecto mais técnico de compreender, por um lado, de saber lidar com as regras do jogo do mercado de consumo (educação para o consumo consciente), e, por outro lado, a um esforço educativo no sentido de encontrar sua própria posição ante o mundo de consumismo, um caminho mais reflexivo, um caminho de significação da própria vida (DOLL e BUAES, 2008). Temos muito trabalho pela frente!

O artigo discutiu as diferentes interfaces entre a educação e o envelhecimento. No desenvolvimento da gerontologia e do trabalho com pessoas idosas, a área da educação surgiu mais tarde. Foi possível mostrar que o enfoque educacional valorizou as pessoas idosas, pois, na perspectiva educacional, elas hoje não são mais vistas como alvo de caridade, mas como parceiros em um processo educativo.

Quais são as perspectivas para o futuro? A partir da análise do campo da gerontologia educacional foi possível concluir que as atividades educacionais com pessoas idosas já avançaram bastante, mas o ensino da população geral sobre o envelhecimento, nas escolas, na universidade e na formação profissional, está ainda pouco desenvolvido. Seria altamente necessário avançar também nessas áreas, se queremos nos preparar para uma sociedade em que pessoas em todas as idades podem viver como cidadãos, com dignidade e atendidas em suas necessidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ARNOLD, Brunhilde. Geschichte der Altenbildung. In: BECKER, Susanne; VEELKEN, Ludger; WALLRAVEN, Klaus Peter (Org.). *Handbuch Altenbildung: Theorien und Konzepte für Gegenwart und Zukunft*. Opladen: Leske + Budrich, 2000. p. 15-37.
- BALTES, Paul B.; SMITH, Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento. *A Terceira Idade*, São Paulo: SESC, vol. 17, nº 36, p. 7-31, 2006.
- BOTH, Agostinho. Profissionalização em gerontologia. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, vol. 7, p. 25-36, 2005.
- \_\_\_\_\_. Longevidade e educação: fundamentos e práticas. In: FREITAS, Elizabeth Viana et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. p. 1.446-1.455.
- CACHIONI, Meire. *Quem educa os idosos?* Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.
- CACHIONI, Meire; PALMA, Lúcia Saccomori. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e idoso. In: FREITAS, Elizabeth Viana et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. p. 1.456-1.465.
- CORTELLETTI, Ivonne Assunta. Profissionalização em gerontologia: formação profissional em gerontologia. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, vol. 7, p. 37-47, 2005.
- DELORS, J. Educação, um tesouro a descobrir. In: DECONS, J. (Org.). Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o séculos XXI. Lisboa: Edições Asa, 1996.
- DEWE, Bernd; FRANK, Günter; HUGE, Wolfgang. *Theorien der Erwachsenenbildung*. Ein Handbuch. München: Hueber, 1988.
- DOLL, Johannes. A inserção de conteúdos gerontológicos: (só) uma questão de adequação curricular?. *Revista de ciências da saúde*, Florianópolis, v. 23, p. 117-128, 2004.
- \_\_\_\_\_. Educação, cultura e lazer. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP, 2007. p. 109-124.
- DOLL, Johannes; BUAES, Caroline Stumpf. A inserção mercadológica de novos consumidores: os velhos entram em cena. Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional de Estudos do Consumo, Rio de Janeiro, 2008.
- DONICHT-FLUCK, Brigitte. Altersbilder und Altenbildung. Erfahrungen aus den USA. In: KARL, Fred; TOKARSKI, Walter (Org.). *Bildung und Freizeit im Alter*. Bern; Göttingen; Toronto: Huber, 1992. p. 15-38.
- FERRIGNO, José Carlos. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis: Vozes/SESC-SP, 2003.
- FERRIGNO, José Carlos; LEITE, Maria Luciana Carneiro de Barros; ABIGALIL, Albamaria. Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do direito ao lazer ao exercício da cidadania. In: FREITAS, Elizabeth Viana et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. p. 1.436-1.443.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
- IMHOF, Arthur E. *Die Lebenszeit*. Vom aufgeschobenen Tod und von der Kunst des Lebens. München: Beck, 1988.
- KACHAR, Vitória. *A terceira idade e o computador: interação e produção no ambiente educacional interdisciplinar*. 2001. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- KOLLAND, Franz. *Bildungschancen für ältere Menschen*. Ansprüche an ein gelungenes Leben. Wien: Lit, 2005.
- MARQUES, Claudia Lima. O novo modelo de direito privado brasileiro e os contratos: entre interesses individuais, sociais e direitos fundamentais. In: MARQUES, Claudia Lima (Org.). *A nova crise do contrato*. Estudos sobre a Nova Teoria Contratual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007. p. 17-86.
- OELKERS, Jürgen. Erziehung. In: FAULSTICH-WIELAND, Hannelore; FAULSTICH, Peter (Org.). *Erziehungswissenschaft*. Ein Grundkurs. Reinbek: Rowohlt, 2008. p. 82-109.
- OLCHIK, Maira Rozenfeld. *Treino de memória: um novo aprender no envelhecimento*. 2008. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- OSORIO, Agustín Requejo. *Educação permanente e educação de adultos*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- PALMER, Joy A. *50 grandes educadores de Confúcio a Dewey*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PASQUALOTTI, Adriano. *Comunicação, tecnologia e envelhecimento: significação da interação na era da informação*. 2008. Tese (doutorado) – PGIE. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PETERSON, David A. Educational gerontology: the state of the art. *Educational Gerontology: An international Quarterly*, vol. 1, p. 61-73, 1976.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio, ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SALGADO, Marcelo Antonio. Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. *A Terceira Idade*, São Paulo: SESC, vol. 18, nº 39, p. 67-78, 2007.
- SESC. *O século da terceira idade*. São Paulo: SESC, 2003.
- SILVA, Teresinha Maria Nelli. O idoso, a educação popular e a política social. *A Terceira Idade*, São Paulo: SESC, vol. 19, nº 42, p. 52-62, 2008.
- SILVESTRE, Carlos Alberto S.. *Educação/Formação de adultos como dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A universidade medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. *Teoria & Educação*, nº 6, p. 68-96, 1992.

# A vida nas dobras... as dobras da velhice

SILVANA TÓTORA

## RESUMO

---

Este artigo se propõe a problematizar a velhice e o envelhecimento na atualidade, em uma perspectiva ético-política. O filósofo francês Gilles Deleuze, em uma de suas raras entrevistas, concedida na velhice e próximo de sua morte, dispara uma afirmação contundente sobre o que ele considera uma das maravilhas da velhice, a saber: “Ser deixado de lado pela sociedade é uma alegria tamanha!”. Ora, não seria a velhice o momento privilegiado para simplesmente “ser”, livre dos códigos e modelos que aprisionam os viventes na sociedade? Situamos o problema no terreno de uma ética do envelhecimento. É este o percurso que pretendemos traçar neste artigo, nas companhias de Deleuze, Nietzsche e Foucault.

**Palavras-chave** envelhecimento, velhice, ética, política.

## ABSTRACT

---

This article aims to discuss old age and aging in the present from an ethical and political perspective. In one of his rare interviews, granted when he was an elderly person, near his death, the French philosopher Gilles Deleuze made a pointed remark about what he considers one of the marvels of old age, saying that “to be ignored by society is a great joy!”. Indeed, wouldn’t old age be a privileged moment where one can

Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professora do Departamento de Política e dos programas de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e em Ciências Sociais da PUC-SP. *Pesquisadora do Núcleo de Arte, Mídia e Política (NEAMP)* do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.  
stotora@uol.com.br



simply “be”, being free from the codes and standards that imprison all the members of society? We put this question under the ethics of aging. This is the path we intend to undertake in this article in the company of Deleuze, Nietzsche and Foucault.

**Key-words** aging, old age, ethics, politics

---

Há alguns anos, abordar o envelhecimento vem se tornando uma prática constante, não somente em meus estudos<sup>1</sup> e aulas, mas como um processo vivenciado. Afinal, esse é o destino comum a todos aqueles que gozam do privilégio da vida. Como já dito, somente não envelhece o que está morto.

Em meus estudos, o envelhecimento não vem sendo versado como um objeto em que se debruça um pesquisador isento, mas se constitui um problema de natureza ético-política. A escolha desse percurso se deve a uma avaliação do grau de perigo ao qual uma determinada época está exposta, ou seja, o velho, na atualidade, tornou-se alvo de inúmeras estratégias de poder. Os enunciados da velhice atualizam relações de poder que fazem dos corpos saudáveis e da qualidade de vida os móveis para incluí-los ou excluí-los em estratégias de controle. Mas afinal o que é ser velho? Essa questão exige uma abordagem do ser velho não como uma substancialidade, e sim *com* a história. A velhice mereceu, em cada época, distintos regimes de saber na formulação de seus enunciados, assim como de inúmeras estratégias políticas nas relações de poder.

Escrevemos um texto quando somos provocados por uma idéia. E uma idéia é aquilo que nos desestabiliza, nos arranca de nossa inércia de exprimir repetindo clichês e lugares-comuns. É freqüente ouvir-se que a velhice é triste, porque, além dos males que acometem o corpo, se é abandonado pela sociedade. O filósofo francês Gilles Deleuze, em uma de suas raras entrevistas<sup>2</sup>, concedida na velhice e próximo de sua morte, dispara uma afirmação contundente sobre o que ele considera uma das maravilhas da velhice, a saber: “Ser deixado de lado pela sociedade é uma alegria tamanha!”. Ora, não seria a velhice o momento privilegiado para simplesmente “ser”, livre dos códigos e modelos que aprisionam os viventes na sociedade? Situa-se esta afirmação no terreno de uma ética

**1** TOTORA, Silvana. Ética da vida e envelhecimento. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, B.; ARCURI, I. (Org.). *O envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. Vol. II. São Paulo: Vetor Editora, 2006. TÓTORA, Silvana. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. São Paulo: Educ, revista *Kairós*, 11(1), jun. 2008, p. 21-38.

**2** DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Le abécédaire de Gilles Deleuze.*: Paris: Éditions Montparnasse, 1994. Disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net>>. Acesso em: 8 set. 2008.

do envelhecimento. É este o percurso que pretendemos, nas companhias de Deleuze, Nietzsche e Foucault, traçar neste artigo.

Segundo Foucault, desde o século XIX, os regimes de verdade e as relações de poder se apropriam dos corpos, não para confiscar suas forças, mas, sim, para discipliná-las, ordená-las e majorá-las: as relações de poder do tipo disciplinar produzem corpos individualizados, classificados e hierarquizados sob intensa vigilância. A esse poder disciplinar se acrescentam novas tecnologias de gestão da vida, as biopolíticas da população. Ambos, embora difiram em seus alvos e mecanismos empregados, complementam-se. Antes de causar a morte, as estratégias do biopoder visam gerir a vida da espécie humana. O corpo do ser vivo enuncia-se como suporte de processos biológicos, sendo sujeitado a todo tipo de intervenção para prolongar a vida. O aumento da longevidade, a elevação do nível de saúde e da melhoria da qualidade de vida são estratégias das políticas de produção dos corpos saudáveis.

A sujeição dos corpos (poder disciplinar<sup>3</sup>) e o controle da população (biopoder<sup>4</sup>) configuram uma sociedade normalizadora que resulta do poder sobre a vida. As individualidades e coletividades são construídas e desconstruídas, segundo regiões, idades, estilos de vida, e o que é perigoso se identifica por meio do cálculo de morbidade provável. Os saberes especializados na prevenção dos riscos de morrer e de adoecer ganham proeminência na sociedade. Os médicos e demais profissionais da saúde tornam-se, na atualidade, os novos sacerdotes que se encarregam da direção da vida de todos e de cada um, responsabilizando-os pelos males que os acometem, e disponibilizam seus saberes e serviços para o governo das populações, em seus mínimos detalhes.

As relações saber-poder dos dispositivos disciplinares e de segurança da população valem-se da normalização, mas de forma diferente. As disciplinas produzem um tipo de individualização que compõe e decompõe os indivíduos, conforme os lugares, os gestos e o tempo das operações, observando-os e modificando-os. Além disso, classifica-os tendo em vista determinados objetivos, estabelece também as seqüências ou as coordenações ótimas e cria procedimentos de adestramento e de vigilância permanente. Com base em tudo isso é que se demarca uma norma que vai servir de modelo para distinguir o normal e o anormal de acordo com ela<sup>5</sup>. Tal relação de poder se vale das normas para qualificar, medir, avaliar e hierarquizar os vivos, classificando-os de acordo com modelos de vida.

**3** O poder disciplinar é um conjunto de mecanismos de individualização das multiplicidades a partir do esquadramento do espaço, do controle do tempo e de uma vigilância permanente.

**4** Foucault conceitua o biopoder como “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (p. 3). Por biopoder entende-se um conjunto de mecanismos de segurança que se exercem sobre a população. FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

**5** FOUCAULT, Michel, ob. cit., p. 74-75.

Por sua vez, o processo de normalização dos dispositivos de segurança da população, também denominados por Foucault de biopoder, difere dos mecanismos disciplinares. Naquele, o ponto de partida é a identificação do normal e do anormal, mediante diferentes curvas de normalidade. Com base nisso, a operação consiste em trazer o mais próximo possível da normalidade um determinado fator desfavorável. A norma – diferentemente dos procedimentos disciplinares descritos acima – “está em jogo no interior das normalidades diferenciais”<sup>6</sup>. Todo esse procedimento de normalização tem como objetivo a contenção dos riscos de adoecer e de morrer. A tão propalada qualidade de vida, expressa nos enunciados de uma pluralidade de discursos, formaliza saberes que intensificam os dispositivos do biopoder. Envelhecer bem e com qualidade de vida tornou-se um lugar-comum, um clichê repetido à exaustão. Tal enunciado, independentemente de seu grau de cientificidade, engendra inúmeros dispositivos de controle não somente dos velhos, mas do modo de vida de toda a população, com base na alegação de uma vida saudável para envelhecer bem. Desencadeia-se uma verdadeira parafernália de receituários de como se deve viver, alimentando o mercado consumidor de saúde. Multiplicam-se as academias de ginástica, as clínicas de saúde para a reeducação alimentar e de estilos de vida, crescem as indústrias de cosméticos, de aparelhos e técnicas cirúrgicas de rejuvenescimento, todas elas dirigidas por profissionais cada vez mais especializados... e muito competentes! Prometem e cumprem o prometido: tornar todos igualmente jovens e belos. A ditadura do padrão de beleza, que circula por meio do marketing, é de tamanha homogeneidade que temos a nítida sensação de estar vivendo a ficção de Aldous Huxley no romance *Admirável mundo novo*.

A prevenção é a senha que integra uma pluralidade de discursos: seja os dos *media*, seja o dos profissionais de saúde. A maioria de qualquer faixa etária oferece-se sem resistência a cumprir seu papel de domesticado consumidor. O *marketing* é um poderoso mecanismo de controle social, adentra os órgãos dos sentidos e elege o que é bom e ruim para se obter uma boa forma que varia a cada novo produto lançado no mercado, exigindo um consumidor flexível à mudança de hábitos. O prêmio para uma velhice saudável é prometido àqueles abertos às novidades do momento. Saúde a qualquer preço cria uma multidão de consumidores endividados.

---

SÓ UMA LONGA VIDA NOS PROPICIA  
UM APRENDIZADO DE EXPANSÃO OU  
DE CONTRAÇÃO DA SUPERFÍCIE DOS  
CONTATOS. EXPANDIR NA DIREÇÃO DOS  
AFFECTOS QUE PRODUZEM O OUTRO DO  
MUNDO.

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 83. Note-se, por exemplo, que as taxas normais de colesterol ou de qualquer outra substância avaliada na bioquímica do sangue, observáveis no exame clínico laboratorial, medem-se segundo uma variação entre um mínimo e um máximo permitido. Trata-se de uma normalização que se obtém com base em estudos de normalidades (sempre variáveis a cada época ou novas pesquisas).

Aliás, como afirma Deleuze, na sociedade de controle, diferentemente da sociedade disciplinar, “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas contínuo e ilimitado”<sup>7</sup>.

Esse breve relato sobre os dispositivos de poder nos remete à afirmação de Deleuze no início deste texto: “Ser deixado de lado pela sociedade é uma alegria tamanha!”. Se esta afirmação nos provocou é porque ela nos força a problematizar a sociedade atual. Refletir sobre o envelhecimento hoje, como já dito, é situá-lo num campo ético-político. Fazer do envelhecimento uma afirmação contrária, no nosso entender, uma modalidade de exercício de poder que, longe de valorizá-lo na sua potência, situa a velhice em relações oponíveis: velho doente *versus* jovem saudável. Os velhos e as velhas, na ânsia de serem aceitos pela sociedade, esforçam-se em exibir uma *performance* de juventude.

Retomando a entrevista de Deleuze, podemos, como ele, propor a seguinte questão: quais as potências da velhice que a tornam uma idade esplêndida? Para o autor, “o velho é alguém que é... , que adquiriu o direito de ser... . Ele está livre de projetos... . Caem todos os parasitas [que se] carregou a vida inteira... [e reúne a sua volta] as pessoas que ama e que o suportam e o amam também... . Um velho simplesmente, que é apenas velho, é o ser”<sup>8</sup>.

Quanto de arte é preciso empreender para uma afirmação das potências da velhice! Trata-se de uma verdadeira resistência ao projeto e ao modelo eleito pela sociedade. É preciso se livrar das opiniões da maioria e empreender uma guerra aos clichês para criar o seu próprio deserto (povoado de sons inaudíveis e imagens irreconhecíveis), momento em que se atinge a sobriedade e somente possível depois de muito tempo de vida. É, portanto, um privilégio envelhecer.

Só uma longa vida nos propicia um aprendizado de expansão ou de contração da superfície dos contatos. Expandir na direção dos *affectos* que produzem o *outro* do mundo. Sentir a cada momento a alegria de experimentar as forças da vida e da sua produção de novos devires que, por serem grandes demais para nós, apropriando-me de uma bela expressão de Deleuze, fazem-nos retornar com os olhos vermelhos. Por sua vez, é preciso contrair a superfície dos contatos em relação aos afetos sombrios das mesquinhas humanas. Na velhice não se pode mais arriscar os maus encontros.

<sup>7</sup> Cf. DELEUZE, G. *Post-scriptum sobre a sociedade de controle. Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998. p. 224.

<sup>8</sup> Gilles Deleuze e Claire Parnet, *supra*, vide nota 2.

Foucault, movido por um problema atual, a saber, a constituição dos jogos de verdade e do poder de sujeição das subjetividades e dos assujeitamentos, desloca suas pesquisas para o período da Antiguidade greco-romana. Esse deslocamento permite ao autor analisar os referidos jogos não como uma prática coercitiva, mas como uma autoconstituição do sujeito nas práticas de si ou no cuidado de si. Em suas próprias palavras, trata-se de uma prática ascética que não é entendida no sentido de uma moral de renúncia, como no ascetismo cristão, e sim como “um exercício de si sobre si mesmo por meio do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”<sup>9</sup>.

O problema ético para os greco-romanos situa-se como o da prática da liberdade. Nessa época, segundo as pesquisas de Foucault, “o cuidado de si constituiu (...) o modo pelo qual a liberdade individual – ou a liberdade cívica, até certo ponto – foi pensada como ética”<sup>10</sup>. A ética, entendida como práticas que envolvem o cuidado de si, foi uma característica peculiar ao mundo greco-romano. Com o advento do cristianismo, o cuidado de si assumiu uma conotação negativa, identificada a interesses egoístas e individuais em contradição com aqueles necessários à relação com os outros. A moral cristã enfatiza a renúncia de si como caminho para a salvação.

Ao contrário do entendimento da moral cristã, o cuidado de si não implica práticas egoístas em relação aos outros. Contudo, a relação consigo mesmo tem um primado ontológico, na medida em que, segundo Sócrates, não pode cuidar dos outros quem não cuida de si. “É o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros.”<sup>11</sup> A governabilidade de si obstaculiza o exercício tirânico do poder sobre os outros. Se, por um lado, o cuidado de si no período clássico da Antiguidade grega eram práticas de homens livres que o orientavam para os governos do *oikos* (família), da erótica e da cidade, por outro lado, na cultura romana do período imperial cuidar de si era uma prática de toda uma vida, não necessariamente com vistas à formação do homem político. Daí o tema da velhice assumir uma conotação positiva, ou seja, como o momento em que “nos reunimos conosco mesmo”<sup>12</sup>. Desfrutar do gozo de si somente é possível quando se tem o privilégio de envelhecer, isto é, o de ter vivido um longo tempo necessário para o cuidado de si.

**9** FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *Ditos e escritos*. Vol. V. Rio de Janeiro: Forense, 2004. p. 265.

**10** *Ibid.*, p. 267.

**11** *Ibid.*, p. 272.

**12** *Ibid.*, p. 274. Foucault refere-se ao pensamento de Sêneca.

---

NÃO ESTARIA NA ÉTICA DO SUJEITO  
UMA FORMA DE RESISTÊNCIA ÀS  
ESTRATÉGIAS DE PODER E REGIMES  
DE VERDADE NA ATUALIDADE? NÃO  
SERIA A VELHICE ESSE MOMENTO  
PRIVILEGIADO DE RESISTÊNCIA?  
AFINAL, UMA EXISTÊNCIA  
ÉTICA E ESTÉTICA EXIGE UM  
LONGO CAMINHAR DE PRÁTICAS  
COTIDIANAS.

---

Ouçamos Foucault<sup>13</sup>:

A velhice não é apenas uma fase cronológica da vida: é a forma ética que se caracteriza ao mesmo tempo pela independência relativamente a tudo que não depende de nós, e pela plenitude de uma relação consigo em que a soberania não se exerce como um combate, mas como gozo.

Fazer da própria vida uma *tékhne tou bíou* (uma arte de viver), ou seja, uma obra bela e boa, uma maneira de ser e de se conduzir. Dar à vida uma forma. E a obra bela é aquela que obedece a uma forma, a um estilo de vida. A ética, no entendimento dos gregos, era o modo de um sujeito se conduzir, certa maneira de se fazer visível aos outros. Bem diferente é a moral cristã de uma regra de vida (*regula vitae*)<sup>14</sup>. A ética como uma “estética da existência”, para os gregos, é uma relação do homem livre consigo, uma subjetivação – uma constituição dos sujeitos de maneira ativa – em que se constrói a si mesmo, se modifica, conforme as regras próprias, facultativas e mutáveis de acordo com as circunstâncias.

Segundo o conceito de Foucault<sup>15</sup>, deve-se entender por arte da existência ou uma estética da existência, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.

Foucault situa a problemática do cuidado de si – a autoconstituição do sujeito na relação consigo e com os outros – como uma política distinta da época atual. Trata-se de um campo das relações de poder, no sentido amplo, como relações móveis, reversíveis e transformáveis: eis um sentido ético-político, ou práticas que constituem um sujeito ético. Diferentemente, os pensamentos moderno e contemporâneo ativeram-se a uma concepção jurídica do sujeito de direito<sup>16</sup>. Em virtude disso, esses últimos priorizaram em seus estudos as instituições políticas.

**13** Cf. Foucault, Dossiê: “Governo de si e dos outros”, apud Frédéric Gros. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 646.

**14** Cf. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Ob. cit., p. 513-514.

**15** FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Graal. p. 15.

**16** Cf. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Ob. cit., p. 305-307.

Ora, não se tem direito ou poder simplesmente em razão de se ser velho, mas, sim, por uma ética de vida. Desse modo, podemos concordar com Foucault, quando afirma:

“Quanto mais as pessoas forem livres umas em relação às outras, maior será o desejo tanto de umas como de outras de determinar a conduta das outras. Quanto mais o jogo é aberto, mais ele é atraente e fascinante”<sup>17</sup>.

Trata-se, pois, de novas relações de poder sem dominação.

Não estaria na ética do sujeito uma forma de resistência às estratégias de poder e regimes de verdade na atualidade? Não seria a velhice esse momento privilegiado de resistência? Afinal, uma existência ética e estética exige um longo caminhar de práticas cotidianas. Por isso é tão importante pensarmos o envelhecimento e a velhice hoje. De nenhum modo trata-se de um retorno ao passado (grego-romano). O estudo do passado tão somente visa confrontar-se com o pensamento do presente e ousar pensar diferente. No tempo, contra o tempo, e num tempo por vir, como afirmava Nietzsche.

Deleuze, no seu livro dedicado à análise da obra de Foucault, destaca nos estudos derradeiros desse autor a formulação de um conceito de subjetividade como um modo de subjetivação. Subverte uma acepção que toma o sujeito em sua relação com outros sujeitos, ambos igualmente já constituídos em sua interioridade, ou mais precisamente, em seu “eu” interior. Em Foucault, segundo Deleuze, o tema do duplo, que atravessa a sua obra, nada tem a ver com uma projeção do interior, mas, ao contrário, “é o desdobramento do Um, é a duplicação do Outro. Não é uma repetição do Mesmo, é a repetição do Diferente. Não é a emanação de um Eu, é a instauração da imanência de um sempre-outro ou de um Não-eu”<sup>18</sup>. Na afirmação de Rimbaud: “eu é outro”. O sujeito constitui-se metamorfoseando-se como o produto de uma subjetivação. No caso grego-romano, o sujeito deriva-se de uma “existência estética”.

Foucault refere-se ao poder como relações de forças. Neste sentido, o poder não é algo que se possa possuir, ou que se dispute, porque, à medida que se constitui como relações de forças, não tem forma, contudo se *exerce* produzindo formas. O poder produz visibilidades (recorta e produz objetos de conhecimento) e discursos verdadeiros. Ambos os

---

NÃO HÁ RETORNO AOS GREGOS, COMO TAMBÉM NÃO HÁ RETORNO AO PASSADO QUE SE VIVEU OU A UM TEMPO DE JUVENTUDE, MAS SOMENTE LEMBRANÇAS. NÃO SE VIVE DE LEMBRANÇAS, MAS DO ESQUECIMENTO PARA AFIRMAR, COMO DIRIA NIETZSCHE, UMA MEMÓRIA DE FUTURO. E O FUTURO FAZ-SE NO “AQUI E AGORA” COMO UMA SUBJETIVIDADE DE RESISTÊNCIA.

---

**17** FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. Ob. cit., p. 286.

**18** DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 105.

processos não são coincidentes, tampouco instituem entre si relações de representação: as palavras não representam as coisas. Velhice e envelhecimento são produtos de relações de poder que dão forma aos enunciados discursivos e produzem o sujeito velho como objeto de conhecimento. Não se quer com isso dizer que não existe a velhice, mas tão somente que ela é vista de diversas maneiras e enunciada de outras formas em cada contexto histórico, bem como não é o mesmo o diagrama das relações de poder que a formaliza.

---

ENCONTRAR A JUVENTUDE DE CADA  
IDADE NÃO É IMITAR O JOVEM,  
POIS ISSO SERIA RIDÍCULO, MAS  
ABRIR-SE AO DE-FORA E DEIXAR-SE  
ATRAVESSAR PELA VIDA QUE SEMPRE  
SE REPETE NA DIFERENÇA, PORQUE  
É DEVIR.

---

“Um exercício de poder aparece como um afeto, já que a força se define por seu poder de afetar outras forças [espontaneidade] e de ser afetada por outras forças [receptividade].”<sup>19</sup> Trata-se de um devir das forças que não se confunde com a história das formas do ver e do falar, porque opera em outra dimensão: o lado de Fora. O de-Fora como devir – em que nada acaba, pois nada começou, mas somente se metamorfoseia – é a abertura para um futuro que resiste ao presente das formas<sup>20</sup>. O de-Fora, aqui referido, é vontade de potência. E Nietzsche definiu a vida como vontade de potência. Foucault, em sua analítica do poder, encontra-se com o pensamento de Nietzsche.

As relações de poder caracterizam-se por sua natureza difusa, espalhada e mutável: um não-lugar. O diagrama das relações de força que configuram uma dada formação histórica jamais esgota as relações de forças, que sempre escapam, podendo entrar em novas relações. A vida – como vontade de potência – poderá tornar-se, como destaca Deleuze do pensamento de Foucault, a resistência ao poder que a toma como objeto e objetivo<sup>21</sup>.

A singularidade na constituição da subjetividade greco-romana reside em vergar as forças do Fora para constituir uma relação de força consigo mesmo. Dado que é próprio da força estar em relação com outras forças, afetando e sendo afetada, ao dobrarem as forças sobre si, os gregos inventaram uma relação que consiste em “*uma relação de forças consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si*”<sup>22</sup>. Dobrar a linha de força do Fora para a constituição de um Si – que é diferente de um Eu como sujeito constituído. Não se trata de conhecer um Eu, ou de descobrir-se, mas de produzir-se, tornar-se, ou seja, trata-se de um devir. O sujeito está sempre por fazer, segundo as dobras que subjetivam o saber e recurvam o poder.

<sup>19</sup> Ibid., p. 79.

<sup>20</sup> Ibid., p. 96.

<sup>21</sup> Ibid., p. 99.

<sup>22</sup> Grifos do autor. DELEUZE.  
*Foucault*. Ob. cit., p. 108.

Se o sujeito nunca deixa de se fazer, então os gregos não seriam um modelo, mas apenas uma lembrança longínqua. O que podemos reter, de acordo com Deleuze, é uma fórmula geral da relação consigo, a saber: “O afeto de si para consigo, ou a força dobrada, vergada. A subjetivação faz-se por dobra”<sup>23</sup>. Envelhecer não somente é um privilégio, como a velhice é um momento em que se poderá colher os frutos de um longo processo de dobradura das forças ou do cuidado de si.

Não há retorno aos gregos, como também não há retorno ao passado que se viveu ou a um tempo de juventude, mas somente lembranças. Não se vive de lembranças, mas do esquecimento para afirmar, como diria Nietzsche, uma memória de futuro. E o futuro faz-se no “aqui e agora” como uma subjetividade de resistência. Resistir, hoje, às formas atuais de sujeição, seja a um poder que individualiza, identifica e gere a vida da coletividade de modo geral, e de cada um em particular, seja a um saber que congela as singularidades e diferenças em uma identidade sabida e conhecida. Uma subjetividade resistente, na atualidade, é afirmar a diferença: experimentos singulares, inimitáveis que não deixam intacto nenhum modelo.

A dobra é uma invaginação num dentro que não deixa de ser o próprio Fora. E a vida faz-se nas dobras<sup>24</sup>. Viver é dobrar a cada momento essa linha da Vida e torná-la vivível. O tempo da dobra não é *cronos* (tempo medido cronologicamente), mas *kairós* (momento oportuno). Como viver o infinito do tempo – que é o tempo da Vida – a cada instante? Na dobra, o dentro coexiste com o Fora, tornando possível liberar a Vida e torná-la vivível. “O mais longínquo torna-se o mais próximo: *a vida nas dobras*.”<sup>25</sup> A vida nas dobras é imprimir um ritmo próprio a sua existência, isto é tornar-se senhor de suas próprias velocidades. Não é nada fácil! Precisa-se de muita arte e uma prática de todos os dias. A velhice, como já tantas vezes dito neste texto, pode ser o momento privilegiado de nossa existência em que nos tornamos senhores de nossa própria velocidade.

As rugas são as dobras das linhas de força do Fora vergadas e atravessadas pela Vida. Ora, quem poderia querer eliminá-las? As rugas expõem as dobras de uma subjetividade resistente, numa modernidade que quer a todos jovens e faz da juventude o modelo a ser seguido por todos. Encontrar a juventude de cada idade não é imitar o jovem, pois isso seria ridículo, mas abrir-se ao de-Fora e deixar-se atravessar pela Vida que sempre se repete na diferença, porque é devir.

<sup>23</sup> Ibid., p. 111.

<sup>24</sup> Note-se o processo embrionário do ovo, que se dobra (invaginação) para se dividir.

<sup>25</sup> Grifos do autor. Ibid., p. 130.

## Referências bibliográficas

---

- DELEUZE, G. *Post-scriptum* sobre a sociedade de controle in *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Foucault*. 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 105.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Le abécédaire de Gilles Deleuze*.: Paris: Éditions Montparnasse, 1994. Disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net>>. Acesso em: 8 set. 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *Ditos e escritos*. Vol. V. Rio de Janeiro: Forense, 2004. p. 265.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- TOTORA, Silvana. Ética da vida e envelhecimento. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, B.; ARCURI, I. (Org.). *O envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. Vol. II. São Paulo: Vetor Editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. São Paulo: Educ, Revista *Kairós*, 11(1), jun. 2008, p. 21-38.

# Aids na terceira idade

**JEAN GORINCHTEYN**

## RESUMO

---

A AIDS vem se revelando de maneira bastante diferente ao longo da epidemia, deixando de ser uma doença restrita a grupos específicos, como homens que fazem sexo com outros homens, passando a ser socializada para os vários gêneros e idades, e nem mesmo os idosos foram poupados. Pouco se conhece sobre este grupo em decorrência da escassa quantidade de material científico ou publicações que pudessem permitir entendermos seus desejos, medos e aflições para assim compreendermos a dinâmica da contaminação; trata-se de um grupo em que a descoberta sorológica compromete as estruturas sociais e familiares, e para o qual, se não houver um amplo aporte psicológico e o amparo familiar, o sucesso do tratamento estará comprometido. O tratamento não se diferencia daquele empregado ao adulto jovem, exceto pelo fato de merecer um cuidado adicional na escolha das drogas anti-retrovirais, evitando-se interações com medicamentos já em uso, assim como pelo fato de já por ocasião do diagnóstico apresentarem co-morbidades, as quais podem ser agravadas com a utilização de alguns grupos de drogas.

**Palavras-chave** aids – terceira idade, aids – tratamento

Coordenador médico do ambulatório da AIDS no Idoso do Instituto de Infectologia Emílio Ribas. Professor Adjunto de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes. Médico infectologista do Hospital e Maternidade São Camilo - Pompéia



## ABSTRACT

---

The AIDS disease has been changing over the years, being no longer a disease restricted to specific groups, such as the group of gay men, having reached across gender and age lines, without sparing the group of elderly people. Little is known about this group due to the scarce quantity of related scientific materials/publications that could enable us to better understand their desires, fears and afflictions, and therefore helps us comprehend how HIV contamination occurs. Older persons living with HIV/AIDS will adversely impact the entire family and social structure. Without ample psychological and family support, their treatment will not succeed. HIV/AIDS treatment for older persons is no different than the HIV/AIDS treatment for younger persons, except for the following aspects: (i) additional precautions must be taken in selecting antiretroviral drugs so as prevent interactions with other medications that may already be used; and (ii) certain drugs may aggravate comorbidity conditions that may have been initially diagnosed.

**Key words** aids - old age, aids – treatment

---

Ao longo das últimas décadas observou-se o avanço da epidemia de AIDS no mundo, acometendo cerca de 40 milhões de pacientes com diagnóstico da doença. No Brasil cerca de 600 mil pessoas encontram-se infectadas, em diferentes faixas etárias, sexos, raças e nível sociocultural (1).

Desde os primeiros casos diagnosticados, no início da década de 1980, quando apenas homens que praticavam sexo com outros homens eram as maiores vítimas da doença, até os dias de hoje, muito se modificou, sendo possível se configurar nas estatísticas divulgadas pelo Ministério da Saúde a presença de mulheres e crianças, as quais se tornaram vulneráveis aos riscos de contaminação pelo HIV (1).

Passados 25 anos de luta e combate à AIDS no Brasil, além de modificações estatísticas, mudaram-se, também, as expectativas e o prognóstico da doença, fundamentados pela socialização das informações por meio de campanhas publicitárias, como, também, pelo atendimento es-

pecializado aos seus portadores, com a disponibilização gratuita de um grande arsenal terapêutico pela rede pública, fato que nos destaca perante outros países emergentes. Estes aspectos repercutiram e repercutem no sucesso dos tratamentos implementados, garantindo longevidade aos pacientes ante a doença, tornando-a uma doença crônica (2, 3).

Ao mesmo tempo em que vem ocorrendo o envelhecimento da epidemia, envelhecem, também, seus pacientes, fruto do aumento da expectativa e qualidade de vida, da melhoria na tolerabilidade dos medicamentos disponíveis, com maior adesão ao tratamento, reduzindo, assim, o adoecimento dos pacientes perante doenças oportunistas. Em contrapartida, observa-se o aumento da incidência (entenda-se, aqui, casos novos) em pacientes com idade igual ou superior a 60 anos, por ocasião de diagnósticos de HIV/AIDS revelados pelas estatísticas do Ministério da Saúde, o que corresponde a cerca de 3% do total de casos do total de pacientes acometidos em todas as faixas etárias (1, 4).

Vários fatores buscam justificar tal situação, como o aumento da expectativa de vida da população em geral, que aliado à boa condição física dos idosos lhes permite continuar ativos em suas atividades profissionais e sociais, das quais as sexuais se tornam uma consequência. Alia-se a este aspecto o fato de os idosos culturalmente se utilizarem pouco do preservativo durante as relações, uma vez que sempre o fizeram com o intuito de impedir uma gravidez indesejada, e não como modo de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV, até porque acreditam estar à margem dos riscos de contaminarem-se por este, uma vez que as campanhas veiculadas, por se utilizarem de atores e linguagem voltada para o público jovem, distancia-os da realidade de serem eles, também, grupo de risco.

Discutir sexualidade por si já é um grande tabu, discutir esta temática com esse grupo etário torna essa dificuldade ainda maior, uma vez que os preconceitos partem deles próprios, o que dificulta conhecer seus hábitos, costumes, desejos e medos, os quais apenas são revelados quando algum problema se estabelece, como, por exemplo, uma doença sexualmente transmissível (DST), como o próprio HIV, ou distúrbios de ereção, e aí, então, sentem-se, mais do que encorajados, obrigados a procurar auxílio de um profissional médico. Esta dificuldade se deve ao constrangimento de revelarem seus interesses já na maior idade, temendo não serem compreendidos em seus desejos, criticados nas suas curiosida-

des e vontades, temendo perderem o respeito trazido por seus cabelos brancos, o que é freqüentemente ofuscado pela perplexidade dos mais novos, que acreditam que idosos não fazem sexo. Dessa forma preferem ocultar tais desejos daqueles que os rodeiam, fingindo negar a sexualidade, blindando, assim, por suas qualidades de caráter e bons costumes. Realizam suas fantasias e aventuras, muitas das quais fora do convívio do matrimônio, com parceiros(as) mais jovens, os quais acabam por ser revelados por ocasião do conhecimento da contaminação pelo HIV, caracterizado por um estigma psicossocial, em que hábitos e vícios, ocultados como segredos por toda a vida, desmoram adjetivos e títulos, onde a lealdade e a retidão de toda uma história são convertidas em vergonha, ressentimento e humilhação. São, na verdade, vítimas do desconhecimento por não se sentirem em risco de se contaminar, até porque, quando se relacionam, buscam resgatar sonhos, reconstruir suas vidas, após casamentos desfeitos, por separação ou viuvez, ou na possibilidade de terem encontrado companheiros(as) que acendam o desejo de continuarem vivos.

O contato sexual, para estes, é resultado das expressões de amor manifestadas por gestos e palavras que lhes permitem estar em contato mais próximo um do outro, despídos de pudores, roupas, preconceitos e desconfianças, assim o preservativo é um intruso. Caracteriza-se por dificuldade em seu manejo, pelo medo de perderem ereções vigorosas, e, conseqüentemente a isto, de criarem uma má impressão à parceira, o que poderia significar pouca experiência sexual. Para as mulheres, no entanto, portar este dispositivo na bolsa configuraria suas segundas intenções para com o encontro, bem como experiência no quesito sexual, porém sugerir seu uso ao parceiro poderia configurar sua desconfiança, temendo o risco de serem mal-entendidas e os perderem, assim não o fazem, aumentando as chances de contaminação.

## DIAGNÓSTICO

O diagnóstico de soropositividade do HIV neste grupo etário ocorre de forma variada, seja pela realização de exames pré-operatórios, ou por doações de sangue, ou ainda em decorrência do surgimento de doenças oportunistas. Neste caso, revelando importante comprometimento da

---

O CONTATO SEXUAL, PARA ESTES, É RESULTADO DAS EXPRESSÕES DE AMOR MANIFESTADAS POR GESTOS E PALAVRAS QUE LHES PERMITEM ESTAR EM CONTATO MAIS PRÓXIMO UM DO OUTRO, DESPIDOS DE PUDORES, ROUPAS, PRECONCEITOS E DESCONFIANÇAS, ASSIM O PRESERVATIVO É UM INTRUSO.

---

---

PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA  
E ASSISTÊNCIA SOCIAL SÃO DE  
FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA NESSA  
FASE, AJUDANDO A EQUIPE MÉDICA  
A COMPOR AS ESTRATÉGIAS AS  
QUAIS GARANTIRÃO OS RESULTADOS  
A SEREM OBTIDOS.

---

imunidade, expressando-se por meio de quadros graves, muitos dos quais fatais, podendo ser confundidos como decorrentes do envelhecimento, como nos casos de quadros demenciais, pneumonias, ou síndromes diarreicas, e não decorrentes de uma possível infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). Tal situação atrasa o diagnóstico e dessa forma coloca o paciente em grande risco (13, 23, 11).

Na maioria das vezes, porém, o diagnóstico é mais precoce, antes mesmo do surgimento das doenças oportunistas, o que favorece o tratamento, uma vez que a condição clínica e imunológica não está comprometida severamente.

A positividade pelo HIV revela-se, ainda, mais preocupante especialmente na esfera psicológica, onde sentimentos de culpa, medo e vergonha misturam-se, comprometendo o desejo do paciente em iniciar o tratamento. O medo deve-se ao risco de morte, de terem contaminado seus cônjuges, dos preconceitos, e pelo risco de não serem entendidos por suas escolhas. A culpa deve-se ao fato de terem podido prevenir-se de uma doença incurável, de terem acreditado em alguém que não os enganaria. A vergonha, de terem sua vida íntima revelada por relacionamentos, muitas das vezes fora do âmbito conjugal (23).

Tendem inclusive a não acreditar no resultado dos exames, ao mesmo tempo em que relutam em repeti-los. Na verdade, é o apoio da família, com seu carinho e compreensão, que os ajuda a resgatar seus valores, permitindo o enfrentamento das dificuldades, inclusive inerentes ao próprio tratamento, reacendendo o desejo de viver. Profissionais da psicologia e assistência social são de fundamental importância nessa fase, ajudando a equipe médica a compor as estratégias as quais garantirão os resultados a serem obtidos.

## TRATAMENTO

O tratamento para HIV/AIDS é conseguido pela distribuição gratuita dos anti-retrovirais pela rede pública, o que vem ocorrendo desde 1991 até 1996, com um pequeno número de drogas, e a partir daí com a associação de vários grupos de drogas conhecidas como “coquetel anti-aids”. Este a cada ano ganha novas drogas, ampliando o arsenal terapêutico, inclusive disponibilizando drogas de resgate àqueles não responsivos ao

tratamento instituído, tornando as infecções oportunistas menos frequentes, o que teve impacto na redução das internações e na mortalidade dos pacientes contaminados (8, 9, 11, 12, 14, 15, 19, 21).

O acompanhamento dos pacientes passou a contar com exames laboratoriais, como a dosagem de linfócitos CD4, carga viral e teste de genotipagem, este último permitindo avaliar a resposta do vírus perante os medicamentos em uso. O linfócito T CD4 é uma célula do organismo responsável pela defesa contra as infecções, sendo alvo do ataque do HIV e sendo por este destruído, comprometendo assim a resposta imune e favorecendo a ação de germes oportunistas. A carga viral, por sua vez, determina a quantidade de vírus em multiplicação no sangue, avaliando o sucesso ou não das drogas implementadas. Deseja-se, portanto, que a carga viral esteja indetectável e a dosagem de linfócitos T CD4 esteja elevada (5, 11, 14).

O tratamento dos idosos não se diferencia daquele empregado nos pacientes adultos de outras faixas etárias, porém uma das grandes preocupações com relação ao tratamento é a capacidade de alguns grupos de drogas, especialmente os Inibidores de Protease, promoverem alterações tóxicas (toxicidade mitocondrial), as quais favorecem a elevação dos níveis de colesterol, triglicérides, a resistência insulínica, semelhante ao que ocorre no diabetes mellitus. Tais ocorrências, muitas das vezes, já estão presentes nesses pacientes por ocasião do diagnóstico e da instituição da terapia anti-retroviral, agravadas na sua instituição, podendo colocar em risco o paciente pelo aumento da incidência de hipertensão arterial, infarto agudo do miocárdio e diabetes mellitus, sendo estas as maiores causas de internações hospitalares em pacientes soropositivos. Por isso deve ser bastante criteriosa a escolha do melhor esquema de drogas, minimizando estes impactos a longo prazo e garantindo assim uma restituição da imunidade e supressão do vírus sem os riscos de complicantes (6, 7, 10, 16, 17, 18, 20).

A escolha dessas drogas deve estar baseada no menor número de comprimidos e na comodidade do número de tomadas diárias, assim como não desempenhar reações cruzadas com medicações de uso regular, como anti-hipertensivos, antiarrítmicos ou anticoagulantes, entre outros, garantindo, dessa forma, a adesão ao tratamento e reduzindo, assim, a resistência do vírus aos medicamentos propostos (22).

## PREVENÇÃO

A prevenção é a única maneira de se impedir a contaminação das pessoas de todas as faixas etárias. Neste grupo dos idosos, porém, em que a inexistência de campanhas específicas, com atores e linguagem compatíveis, cria a falsa impressão de estes estarem distantes dos riscos de contaminação, essa contaminação existe e continuará a existir caso medidas específicas não forem tomadas, especialmente hoje, quando drogas para tratamento de distúrbios eréteis os encorajam a relacionarem-se com mais frequência, assim aumentando o risco de exposição ao HIV uma vez que não se utilizam do preservativo nas relações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pouco se conhece desse grupo, uma vez que é escasso qualquer material sobre ele. Mas, à medida que os anos vão passando, poderemos conhecê-lo melhor, para assim podermos abordar de forma diferente as pessoas que a ele pertencem. O atendimento dos pacientes idosos visa avaliá-los em sua plenitude, desde aspectos clínico-laboratoriais como também entendendo sua dinâmica social e familiar, compreendendo e aceitando aspectos que os cercam, como moral, mitos e medos, uma vez que ser idoso é, por si, motivo de preconceito. E a associação com o HIV configura um fator adicional, que tende, por vezes, ao abandono, por sua não-aceitação moral e social, decorrente do forte estigma psicossocial, o qual deve ser desmistificado por acompanhamentos psicológicos frequentes, a fim de reabilitá-los emocionalmente, estimulando-os a aceitarem o tratamento e superar a vergonha, o medo e a culpa.

## Referências Bibliográficas

---

- (1) Disponível em: [www.aidsinfo.nih.gov/approvedmedicationstotreatshivinfection](http://www.aidsinfo.nih.gov/approvedmedicationstotreatshivinfection)
- (2) Robertson J, Meier M, Wall J, Ying J, Fichtenbaum C. Immune reconstitution syndrome in HIV: validating a case definition and identifying clinical predictors in persons initiating antiretroviral therapy. *Clinical Infectious Diseases* 2006; 42:1639-46.
- (3) Scott M, Hammer MD, et al. *JAMA* 2006; 296:827-843.

- (4) Steven G. Deeks. Antiretroviral Treatment of HIV Infected Adults. *BMJ* 2006 June 24; 332:1489.
- (5) Mellors JW, Munhoz A, Giorgi JV, Margolick JB, Tassoni CJ, Gupta P, et al. Plasma viral load and CD4+ lymphocytes as prognostic markers of HIV-1 infection. *Ann Intern Med.* 1997; 126(12):946-54.
- (6) Walker UA, Setzer B, Venhoff N. Increased long-term mitochondrial toxicity in combinations of nucleoside analogue reverse-transcriptase inhibitors. *AIDS* 2002; 16:2165-73.
- (7) Martin JL, Brown CE, Matthews-Davis N, Reardon JE. Effects of antiviral nucleoside analogs on human DNA polymerases and mitochondrial DNA synthesis. *Antimicrob Agents Chemother* 1994; 38:2743.
- (8) Lima VD, Hogg RS, Harrigan PR, Moore D, Yip B, Wood E, Montaner JS. Continued improvement in survival among HIV-infected individuals with newer forms of highly active antiretroviral therapy. *AIDS* 2007 Mar 30; 21(6):685-92.
- (9) Mauskoff, JA, et al. *Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes* Impact of Zidovudine Based Triple Combination Therapy on an AIDS Drug Assistance Program 2000 April; 23(4):302-13.
- (10) Moyle GJ, Datta D, Mandalia S, et al. Hyperlactataemia and lactic acidosis during antiretroviral therapy: relevance, reproducibility and possible risk factors. *AIDS* 2002; 16:1341.
- (11) Moore RD, Keruly JC, Gebo KA, Lucas GM.. An improvement of virologic response to highly active antiretroviral therapy in clinical practice from 1996 through 2002. *J Acquir Immune Defic Syndr.* 2005; 39(2):195-8.
- (12) Van Left F, Phanuphak P, Ruxrungtham K, et al. Comparison of first-line antiretroviral therapy with regimens including naviapine, efavirenz, of both drugs, plus stavudine and lamivudine: a randomized open-label trial, The NN Study. *Lancet* 2004; 63(9417): 1253-63.
- (13) Victor Valcour et al. HIV Infection and dementia in older adults. *Clinical Infections Diseases* 2006 May 15; 42:1449-54.
- (14) Yeni PG, Hamer SM, Hirsch MS, Saag MS, Schechter M, Carpenter CG, et al. Treatment for adult HIV infection: 2004 recommendations of the International AIDS Society-USA Panel. *JAMA* 2004; 292:251.
- (15) Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional DST-AIDS. Recomendações para terapia antiretroviral em adultos e adolescentes infectados pelo HIV 2007/2008 (manual)..
- (16) Green DR, Reed JC. Mitochondria and Apoptosis. *Science* 1998; 281:1309.
- (17) Johnson AA, Ray AS, Hanes J, et al. Toxicity of antiviral nucleoside analogs and the human mitochondrial DNA polymerase. *J Biol Chem* 2001; 276:40847.
- (18) Frederico Pulino. Treatment of Advanced HIV Infection. *Journal of Antimicrobial Chemotherapy* 2003; 5(1), 225-7.
- (19) Enanoria W, Ng C, Saha SR, Colford Jr. PM. Treatment outcomes after highly active antiretroviral therapy: a meta-analysis of randomized controlled trials. *Lancet Infect Dis* 2004; 4:414-25.

- (20) Edward P Acosta. Pharmacokinetics enhancement of protease inhibitors. JAIDS 2002; 29:S11-S18.
- (21) Bartlett JA, Fath MJ, Demasi R, Hermes A, Quinn J, Mondou E, et al. An updated systematic overview of triple combination therapy in antiretroviral-naïve HIV-infected adults. AIDS 2006; 20(16):2051-64.
- (22) Burgoyne et. al. J. Antimicrob Chemother 2008; 61:469-73.
- (23) Gorinchteyn JC. Dados do Ambulatório de AIDS em idosos – IIER.

# Brasil: país de cabelos brancos

RENATO MAIA GUIMARÃES

## RESUMO

---

O Brasil passa por uma transição demográfica muito acelerada, sendo que o coeficiente de fecundidade atingiu 1,8 filho por mulher em idade fértil. As projeções demográficas só esperavam este valor em 2045. Aliada ao aumento crescente da esperança de vida, a redução do número de crianças mostra que o país caminha para tornar-se um país maduro, onde, em 2025, 15,4% da população terá 60 ou mais anos de idade. Esta situação demanda mudanças no planejamento e na implementação de políticas apropriadas. As áreas da Previdência Social e da Saúde são as mais vulneráveis, existindo também necessidade de mudanças ao nível do ambiente urbano e na área do ensino e da pesquisa.

A qualificação de pessoal em gerontologia e geriatria é ainda insuficiente, predominantemente informal. O homem envelhecido traz dentro de si as conseqüências do curso de vida, principalmente a limitação educacional e a pobreza. A correção destas situações, notadamente a melhoria da educação formal e das desigualdades sociais, contribuirá para uma melhor saúde e qualidade de vida das gerações futuras de idosos.

**Palavras-chave** envelhecimento; transição demográfica

Mestre em Ciências da Saúde UnB/University of Birmingham; Especialista em geriatria e gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia/ Associação Médica Brasileira; Presidente da International Association of Gerontology and Geriatrics (2005-2009) e Chefe do Centro de Medicina do Idoso do Hospital Universitário de Brasília – Universidade de Brasília  
remaig@uol.com.br



## ABSTRACT

---

Brazil is going through a very accelerated time of demographic transition, with a current fertility rate of 1.8 children per woman in fertile age, a rate which was not expected to occur until 2045, according to recent demographic projections. Coupled with the rising life expectancy rate, the declining child mortality rate indicates that the country is headed to become a matured country by 2025, when 15.4% of the population will be 60 or older. This situation demands changes in the planning and implementation of appropriate policies. In addition, changes are required not only in the Health and Social Security areas, but also in the teaching and research areas, as well as in the urban environment. The qualification of Gerontology and Geriatrics staff is still insufficient and predominantly informal. Older people have been silently suffering the consequences of educational limitations and poverty. Any measure that seeks to correct these situations, specially those measures aimed at improving formal education and reducing social inequality, will contribute to enhance the health and quality of life of future generations of older persons.

**Key words:** aging; demographic transition

## INTRODUÇÃO

---

Na maioria dos países a transição demográfica é um fenômeno que veio para ficar. O Brasil, inebriado pela fantasia de país eternamente jovem, foi surpreendido pela constatação de que o coeficiente de fecundidade, indicativo do número de filhos por mulher na idade fértil, atingiu no corrente ano 1,8. Ninguém esperava por esta cifra inferior à taxa de reposição de 2,1 filhos por mulher. A Divisão de População das Nações Unidas (2007) projetava este coeficiente para 2045. É possível antecipar que a população brasileira comece a diminuir em 20-30 anos. Sobrarão vagas em escolas de ensino básico; algumas serão fechadas por falta de alunos. Olhando para o outro extremo das estatísticas populacionais observamos um constante aumento da esperança de vida ao nascer; em 15 anos a esperança de vida da mulher brasileira atingirá 80 anos. O Brasil

caminha para tornar-se um país maduro. Estima-se que em 2025 a população com 60 ou mais anos passará a representar 15,4% da população total. A situação é ainda mais dramática em outros países. A população da Rússia já está diminuindo em razão do aumento da mortalidade, da imigração e também pelo declínio da fecundidade, atualmente em 1,4 nascimento/mulher (UNITED NATIONS, 2007). Um dado que assusta naquele país é que se registram 13 abortos para cada 10 crianças nascidas (BBC, 2003). A Rússia, que há um século enfrentou uma revolução política, enfrenta agora outra ainda mais grave: a revolução demográfica.

A cada dia um maior número de velhos caminha pelas ruas de cidades européias, norte-americanas, asiáticas e também dos países em desenvolvimento. A China, onde o superlativo é regra, tem cerca de 150 milhões de pessoas com 65 ou mais anos de idade. A esperança de vida é, contudo, um indicador de desigualdade. Até os anos 30 do século passado a esperança de vida era diretamente proporcional ao produto interno bruto dos países. A partir de então passou a haver uma indisciplina da “longevidade”, com resultados evidentes a partir da década de 70. Velhice deixou de ser apanágio de país rico, passando a constituir fenômeno também dos países em desenvolvimento.

Os Estados Unidos têm uma das maiores rendas *per capita* do mundo, mas têm esperança de vida inferior à da pobre vizinha Cuba, ou ainda das alegres e menos ricas Grécia e Espanha. Aparentemente após atingir-se o patamar de cerca de US\$ 3.000 *per capita* a esperança de vida dos países deixa de ser influenciada apenas pela renda bruta e passa a refletir a equidade na distribuição da riqueza (WILKINSON, 2005). A Flórida é mais rica, mas apresenta profunda desigualdade na divisão de renda quando comparada com Cuba, pobre mas não tão desigual. O Japão e a Suécia estão no topo da esperança de vida não apenas pela renda bruta, mas pela mais justa distribuição da riqueza. Marmot (2006) apresenta inúmeras evidências do impacto social na saúde e na mortalidade, qualificando-o como “gradiente social”. Dessa forma a demanda por uma sociedade mais justa e com melhor distribuição de renda é um pré-requisito para que “viver mais e melhor” seja direito de todos e não apenas dos que habitam o topo da pirâmide social. Até 2050 uma em cada dez pessoas vivendo em países mais desenvolvidos terá 80 ou mais anos de vida, sendo que em nações menos desenvolvidas esta cifra será de 1/30.

---

ATÉ 2050 UMA EM CADA DEZ  
PESSOAS VIVENDO EM PAÍSES MAIS  
DESENVOLVIDOS TERÁ 80 OU MAIS  
ANOS DE VIDA, SENDO QUE EM  
NAÇÕES MENOS DESENVOLVIDAS ESTA  
CIFRA SERÁ DE 1/30.

---

## Estariam o país, as cidades e mesmo as pessoas preparadas para este novo mundo?

### Previdência social e saúde

As políticas de aposentadoria foram feitas com os olhos de ontem, quando a esperança de vida aos 60 anos era modesta. Não está adequada aos dias atuais em que o homem brasileiro, aos 60 anos, tem expectativa de vida de mais 19,4 anos e as mulheres, de 22,2 anos (UNITED NATIONS, 2007). Ocorre que a grande maioria dos brasileiros já aposentada conseguiu este benéfico bem antes de tornar-se sexagenária. Não será incorreto prever que cada novo governo, tão logo tome conhecimento das surpresas demográficas e dos gastos com aposentadorias e pensões, proporá uma reforma previdenciária. Na Previdência Social o equilíbrio ideal é ter cinco contribuintes para cada inativo, mas já estamos nos aproximando da situação de um para um. Não obstante freqüentar as páginas dos jornais no papel de “bruxa do déficit público”, reconheça-se que a política de aposentadoria, pensões e a transferência de renda têm contribuído para a redução da pobreza e para uma modesta melhoria das condições de vida do idoso. Néri e Soares (2007) apresentam alguns resultados estimulantes. Comparando os dados da PNAD de 1998 e de 2003 constataram que diminuiu em 10% o relato de doença crônica e aumentaram no mesmo percentual os que consideraram seu estado de saúde bom ou muito bom. Também diminuiu em 10% o relato de “estar acamado”. Os idosos têm procurado mais os serviços de saúde e por isso também aumentou o número de velhos que têm plano de saúde privado.

A situação na área do Sistema Único de Saúde (SUS) não é confortável. O modelo hospitalocêntrico dominante no Brasil não atende às novas demandas do envelhecimento. Os hospitais públicos estão se transformando em hospitais geriátricos. Estima-se que cerca de 30% do orçamento destinado à assistência médica seja gasto com pacientes com 60 ou mais anos de idade. Pergunte-se, contudo, aos beneficiários desta expressiva parcela do orçamento se estão satisfeitos com o que recebem. A resposta será não. A supervalorização da tecnologia médica nem sempre significa aprimoramento da assistência. Quem desejar uma prova

---

NA PREVIDÊNCIA SOCIAL O EQUILÍBRIO IDEAL É TER CINCO CONTRIBUINTES PARA CADA INATIVO, MAS JÁ ESTAMOS NOS APROXIMANDO DA SITUAÇÃO DE UM PARA UM.

---

---

NÃO SE PODE ESQUECER DE QUE O “CUIDADO” EM NOSSA SOCIEDADE É QUASE QUE TOTALMENTE RELEGADO

ÀS MULHERES: É UMA AÇÃO PREDOMINANTEMENTE FEMININA.

A MESMA MULHER QUE DEVE AMPARAR OS IDOSOS DA FAMÍLIA ESTÁ INSERIDA NO MERCADO DE TRABALHO, SEM TER DEIXADO DE CUIDAR DOS FILHOS E DA CASA.

A FAMÍLIA DE MUITOS FILHOS, NA QUAL UMA FILHA PERMANECIA SOLTEIRA PARA CUIDAR DOS PAIS, DESAPARECEU.

---

que visite uma Unidade de Tratamento Intensivo: verá que até 60% dos pacientes são idosos. Muitos não necessitariam lá estar, mas lá estão por pressão social, necessidade de ocupação de leitos ociosos e mesmo pela bondosa omissão de médicos, que preferem não correr o risco de ver seus pacientes morrerem sem “todos os cuidados possíveis”, ainda que a internação em UTI pouco signifique em tempo ou qualidade de vida. Constatou-se, muitas vezes, a prática do vitalismo, ou seja, manter o organismo respirando (com aparelhos), a pressão arterial adequada (com drogas) e sob estímulo farmacológico, funcionando o coração de um paciente para o qual a vida já perdeu significado e a dignidade. Não reforço aqui a posição de Callahan (1990), que propõe limites para a atenção médica ao idoso, mas não se pode defender a medicina intensiva como substituta de cuidados paliativos, tampouco a hospitalização como melhor alternativa para situações que poderiam ser tratadas em casa, desde que o sistema de saúde esteja organizado para tal.

Será ilusório admitir que um desafio da dimensão da saúde da população idosa possa ser abordado apenas pelo setor formal da saúde. Não obstante a Constituição (artigo 230) determinar que a família, a sociedade e o Estado amparem o idoso, urge que se discuta o que se espera realmente da família, sendo oportuno criar condições para que o amparo familiar seja adequado. Não se pode esquecer de que o “cuidado” em nossa sociedade é quase que totalmente relegado às mulheres: é uma ação predominantemente feminina. A mesma mulher que deve amparar os idosos da família está inserida no mercado de trabalho, sem ter deixado de cuidar dos filhos e da casa. A família de muitos filhos, na qual uma filha permanecia solteira para cuidar dos pais, desapareceu. Nada mais é do que um retrato na parede. Daí a relevância de que sejam criados benefícios para que familiares possam cuidar dos idosos em casa (também uma imposição constitucional), com o apoio de assistência médica domiciliar. O modelo do programa “Bolsa Família” deveria prever pagamento a cuidadores. Seria um investimento com retorno imediato, considerando o impacto na redução das internações hospitalares.

## O ambiente urbano

O ambiente urbano também parece ignorar a revolução demográfica. A escada de acesso aos ônibus no transporte público é uma prova funcional que elimina quem tenha dificuldade para alcançar os degraus altos. O tempo de travessia dos sinais para pedestres é planejado para jovens, condição que favorece acidentes em idosos. Estes também, por ignorância, têm sua parcela de contribuição na assustadora estatística de atropelamentos de anciãos. Poucos livros são editados com textos com formatos maiores de letras, o que facilita a leitura de quem tenha limitação visual. Não existem também suficientes atividades que possam atrair os mais velhos. Não me refiro a bailes da terceira idade, mas a atividades culturais e educacionais que incentivam o capital humano. Da “geração 68” que mudou o paradigma da juventude e que agora solicita admissão no universo da velhice, espera-se que mudem o panorama dos anos tardios da vida.

O programa “Age Friendly Cities”, lançado pela Organização Mundial da Saúde, propõe estimular a criação de um ambiente urbano melhor para os idosos.

## Educação e pesquisa: o papel da universidade

A carência de profissionais capacitados para lidar com o envelhecimento é nítida, consequência da relativa omissão da universidade. Ainda assim, na área das ciências sociais, a gerontologia tem contribuído muito para entendermos o que é a velhice, o velho e o envelhecimento no Brasil.

Não é com certeza a melhor ou a boa idade; tampouco uma etapa da vida que seria melhor jogar no abismo. Fica claro o objetivo da gerontologia, não apenas na academia mas também no cotidiano: desvendar os mistérios da vida continuada, criar opções de mudanças de curso, destruir falsos paradigmas e ter cuidados para não construir outros. O compromisso exagerado com o envelhecimento saudável não pode obscurecer a vida e as necessidades dos “que não deram certo”, daqueles que o acaso empurrou para uma ruela estreita, e que não têm atividade física por faltar-lhes movimento, não pintam pela ausência de luz, não cantam por não terem voz.

Não são muitas as oportunidades de se obter qualificação *stricto sensu* em gerontologia, mas já existem programas de mestrado e mesmo de doutorado na área, fruto da atuação de instituições pioneiras, entre as quais se destacam Unicamp, PUC de Porto Alegre e a Uerj no Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Unati. A pesquisa em gerontologia não pode perder seu compromisso com aquilo que não se vê, como o sofrimento, nem com o que não se pesa, como a dor.

---

A MAIORIA DOS ESTUDANTES TEM POUCA FORMAÇÃO EM RELAÇÃO AOS PACIENTES IDOSOS, JUSTAMENTE O GRUPO QUE VAI DEMANDAR MAIOR ASSISTÊNCIA NA CARREIRA DO FUTURO MÉDICO.

---

Não podemos, sob o ponto de vista acadêmico, vangloriar-nos da proliferação de cursos de “especialização em gerontologia”, a maioria sem qualquer mérito. Reconheça-se, contudo, que muitas pessoas que vêm se destacando na criação de serviços e programações para os idosos tiveram o seu primeiro contato com as bases da gerontologia nesses cursos. A maior ressalva que deve ser feita envolve a “especialização” aplicada a médicos. Esta não é a alternativa mais adequada para formar especialistas em geriatria, situação que coloca a medicina dedicada aos idosos em situação crítica perante as outras especialidades. A área de atuação médica que aceita especialização em 400 horas de aula teórica não faz jus ao termo “especialidade”. Ressalte-se a dificuldade de formação em geriatria ao nível dos cursos de graduação. Apenas 1/3 das escolas médicas inclui temas relacionados ao envelhecimento no currículo. A maioria dos estudantes tem pouca formação em relação aos pacientes idosos, justamente o grupo que vai demandar maior assistência na carreira do futuro médico.

Voltando os olhos para a academia, há de se reconhecer que o Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) não tem um comitê exclusivo de gerontologia, o que faz que com os projetos de pesquisa sejam examinados por consultores paralelos. Esta condição dificulta o desenvolvimento da gerontologia como área de pesquisa e merece ser revista.

### O cidadão idoso

Estaria o homem, o principal ator da revolução demográfica, preparado para vivê-la? Reconheçamos que os idosos brasileiros de hoje são os sobreviventes de uma coorte que driblou índices alarmantes de mortali-

dade infantil e outras condições que ceifaram anos de vida. Não falo apenas no acesso limitado à saúde, mas principalmente da educação, ou da falta de. Os anos de educação formal constituem o mais importante fator relacionado à saúde. Um estudo realizado na Suíça demonstrou que, na faixa etária de 20-39 anos, a mortalidade de pessoas com estudo básico (obrigatório) foi três vezes superior à daquelas com graduação universitária (BOPP et al., 2008). É possível considerar que aqueles sem acesso à educação de qualidade não apenas morrem mais cedo, como podem viver suas vidas com deficiências resultantes de doenças. Extrapolando estes dados, tem-se que os idosos brasileiros, na sua maioria com baixo nível educacional, têm maior chance de apresentar problemas de saúde associados, por diversos mecanismos, à reduzida escolaridade. Doenças como demência, por exemplo, são mais prevalentes em pobres com baixo nível educacional.

A velhice é um fator de amplificação dos problemas da pobreza. As privações e dificuldades de um homem pobre serão exacerbadas quando pobre e velho. Para se ter uma população mais saudável não se pode investir apenas em vacinas, mas também, e fundamentalmente, em escolas, ensino de qualidade, emprego e renda.

Aqueles que “tiveram berço”, boa educação e a consequência desta (melhores empregos e salários, maior compreensão da linguagem da saúde) poderão fazer escolhas que beneficiam sua qualidade de vida e influem na duração desta. Estão mais capacitados para fazer melhores opções. Nesta situação o fator limitante é a falta de informações sobre como envelhecer bem e, mais do que isso, a capacidade das pessoas para adotarem uma nova postura sobre suas próprias vidas.

## Conclusão

As surpresas demográficas impõem uma nova postura em relação ao planejamento do país para os próximos anos. Atormentados pelo fenômeno do “menor abandonado” poderemos ver este problema quase solucionado, menos pelo mérito de políticas sociais e mais pela diminuição do número de crianças. Em contrapartida o aumento da população de idosos demanda reflexão e mudança de rumo. As diversas designações atribuídas a quem passou dos 60 anos – velho, ancião, idoso, mais vivido, terceira

---

A VELHICE É UM FATOR DE AMPLIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS DA POBREZA. AS PRIVAÇÕES E DIFICULDADES DE UM HOMEM POBRE SERÃO EXACERBADAS QUANDO POBRE E VELHO.

---

idade – não devem ocultar o que é fundamental: a cidadania não se exaure com a idade. O aumento da esperança de vida reflete melhoria numa sociedade, que até poucas décadas aceitava a morte Severina: morrer de velhice aos 30! Daí serem condenáveis qualificações como velhinho e outros depreciativos, e muito menos comemorar o lançamento de um “estatuto” como se fosse a obra-prima da generosa mão do Estado. O envelhecimento populacional demanda políticas e ações com base em estudos e pesquisas, estímulo à educação e qualificação profissional e adequação das cidades a esta população. A política previdenciária e de saúde deve ser imune à paixão partidária e conduzida por pessoal qualificado, sem fazer parte de qualquer composição política. O homem que envelhece deve ter ao seu alcance todas as informações e programas que possibilitem que tenha não tão-somente uma longa vida, mas uma vida plena de significado e realizações.

## Referências bibliográficas

---

- BOPP, M. et al. Cohort Profile: the Swiss national Cohort – a longitudinal study of 6.8 million people. *International Journal of Epidemiology*, 1-6 doi 10.1093/ije/dyn042, 2008.
- CALLAHAN, D. Setting limits. In: HOMER, P.; HOLSTEIN, M. (editors.). *A good age? The paradox of setting limits*. New York: Simon and Schuster, 1990. p. 23-35.
- MARMOT, M. *The status syndrome*. New York: Times Books, 2006.
- NÉRI, M. C.; SOARES, W. L. Estimando o impacto da renda na saúde através de programas de transferência de renda aos idosos de baixa renda no Brasil. *Ensaio Econômico da Fundação Getúlio Vargas*, Rio de Janeiro, n. 645, 2007. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br>>. Acesso em: 15 set. 2008.
- RUSSIA turns spotlight on abortion. *BBC News online*. 2003. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3093152.stm>>. Acesso em: 12 set. 2008.
- UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World population ageing*. New York, 2007.
- WILKINSON, R. *The impact of inequality*. New York: New Press, 2005. p. 111.

# Conflitos e diálogos entre gerações

PAULO DE SALLES OLIVEIRA

*“Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação.”*

ECLÉA BOSTI, 1987

## RESUMO

---

O suceder das gerações ao longo do tempo sempre traz alento e apreensão ao mesmo tempo. O alento deve-se à esperança de renovação e de superação dos problemas e a apreensão, ao movimento avassalador de pilhagem e destruição de traços ou de conquistas culturais que mereciam e deveriam permanecer preservados. Na medida em que vamos sendo preparados para a vida social, essa socialização é sempre feita por pessoas mais velhas, de outra geração. Pode advir daí a imposição de práticas e valores, mas também o descompromisso, sobretudo em grupos marcados pelo abandono, ou ainda a omissão, seja ela deliberada ou disfarçada por posturas pretensamente abertas e arejadas, deixando aos mais jovens a escolha. Estas variantes repercutem problematicamente nas gerações em formação, pois não deixam balizas de um trabalho construído em comum. Nem sempre o novo representa, de fato, renovação; muitas vezes, é apenas a manifestação da sociedade dita moderna, a transformar tudo em objeto de consumo, até mesmo os sentimentos e as relações entre as pessoas. Entre um extremo e outro, o artigo procura refletir sobre uma

Professor Titular em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da USP. Publicou oito livros, entre os quais *Cultura solidária em cooperativas; Projetos coletivos de mudança de vida* (São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2006) – a obra recebeu o Prêmio Jabuti na categoria “Educação, Psicologia e Psicanálise – e *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana* (São Paulo, Hucitec/FAPESP, 1999).  
psalles@usp.br



possibilidade de superação baseada na aceitação tanto das diferenças quanto do respeito mútuo na divisão de direitos e deveres.

**Palavras-chave** diálogo, conflito, geração, superação.

## ABSTRACT

---

The flow of generations over time always brings someone encouragement and apprehension at the same time. The encouragement is caused by one's expectation to achieve renewal and overcome problems, and the apprehension is caused by the overwhelming plundering and destruction of cultural traces/conquests that deserved to be and be preserved. As we get prepared to live in society, this process of socialization is always conducted by older people, who belong to a different generation. This may result not only in imposed practices and values, but also in a lack of commitment, particularly in groups marked by abandonment, as well as in omission, be it deliberate or disguised by attitudes that are apparently open and disseminated, and younger generations are left to a make a choice. These possible variations may adversely impact these generations as they fail to provide support for a jointly constructed work. In some situations, what is new does mean a renewal; in other situations, it only means a manifestation of the so-called modern society, which transforms everything in an object of consumption, even the feelings and relationships between people. From one extreme to the other, this article seeks to reflect about one's possibility of overcoming problems based on the acceptance of both the differences and the mutual respect involved in the division of rights and duties.

**Key words:** dialogue, conflict, generation, overcoming

## INTRODUÇÃO

---

O dicionário assinala que a palavra *geração* tanto indica ato de gerar quanto linhagem, estirpe ou ainda um conjunto de indivíduos nascidos na mesma época; estima que um espaço de tempo de aproximadamente 25 anos demarca a distância de uma geração a outra. Além desta deli-

mitação, um tanto arbitrária, é comum entre nós a percepção de uma determinada imagem do passar do tempo em função do movimento linear e evolutivo no suceder de gerações. Essa figura nos leva efetivamente de um extremo a outro, partindo de um início em permanente ascensão até que alcancemos o declínio, ao final da vida. Trata-se, sem dúvida alguma, de uma imagem estereotipada, na qual uma linha sempre ascendente de desenvolvimento dos seres humanos representa a juventude. Mais adiante, com a maturidade, essa linha se estabiliza num platô, indicando que se atingiu a condição adulta. Anos à frente, a mesma linha inicia declínio irreversível, assinalando a época da velhice – momento caracterizado pela sucessão de perdas. Ecléa Bosi (2003) rediscute essa representação, mostrando que, se há uma face do envelhecimento marcada pela aprendizagem das perdas, é preciso reconhecer que o passar dos anos traz igualmente conquistas:

Amigos partiram, mas outros amigos foram chegando; estão na soleira da porta à espera de um sinal para entrar. O corpo aprendeu a se adaptar ao mundo, criando à sua volta um lugar mais acolhedor. E fazendo-o mais acolhedor para seus passos, o idoso presta um serviço inestimável ao planeta. Perda da memória é discutível: você pode esquecer que guardou a meia na gaveta, mas lembrar-se de cidades, de revoluções, de gestos memoráveis. (BOSI, 2003, p. 5)

O filme *História real* (EUA, 1999) vai nesta direção, ao mostrar a aventura de Alvin, um senhor que, munido de um microtrator, atravessa longa distância nos Estados Unidos para se encontrar com seu irmão, Lyle, acometido de um derrame. Num dos momentos de descanso nesta jornada, diz ele a seu interlocutor: “Não é bom ser cego e coxo, mas na minha idade vi quase tudo que a vida tem para mostrar. Sei separar o joio do trigo e não me preocupar com bobagens”. Entre estas últimas, estavam por certo o orgulho, a vaidade ou a teimosia, que alimentaram o distanciamento do irmão e que agora ele tratava de superar.

### **As gerações e os conflitos**

Assim, se na vida cotidiana as gerações parecem se suceder segundo o ritmo biológico, sua compreensão não pode ficar restrita aos limites do tempo linear. É preciso aprofundá-la e também levar em conta as

características próprias de que cada geração é portadora. São esses traços que simultaneamente dão certa identidade a uma dada geração e também a expõem à avaliação das outras. As gerações mais novas tanto podem aceitar este legado, mesmo com transformações que lhe venham colocar – garantindo assim alguma continuidade – quanto podem recusá-lo, acentuando as diferenças e os conflitos. Estes não são necessariamente negativos, pois dos embates podem surgir novos horizontes. É preciso reconhecer, todavia, que, se os conflitos são importantes na renovação, também a continuidade é algo fundamental para a criação e transmissão da cultura. Nem tudo pode ser abandonado, substituído ou refutado sob pena de sucumbirmos inteiramente à barbárie do consumo das coisas e das pessoas. Arendt mostra que esta disputa entre a permanência e a recusa de traços culturais tem contornos complexos e contraditórios:

A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se, em certo sentido, contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça da parte do mundo. Porém, também o mundo necessita de proteção para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada geração. (ARENDR, 1988, p. 235)

Matos (2003) mostra como muitas narrativas de idosos oferecem um importante índice de orientação, sistematizando experiências coletivas. Aquilo que nomeamos uma *pessoa vivida* se refere a alguém que passou por muitas e muitas experiências. Não obstante essa riqueza dos mais velhos – ao menos potencialmente – é comum a modernidade colocar em perigo a preservação deste referencial de humanismo, pois tenta a todo instante solapar esta memória, taxando-a de imprecisa, antiquada ou obsoleta, no intuito de sobrepor o tempo da vivência ao tempo da experiência. O primeiro é superficial e fugaz, ao passo que o segundo, não raro, está banhado de sabedorias que, como tais, devem permanecer. Uma expressiva passagem, deixada por Benjamin (1986), oferece-nos belo exemplo de como uma experiência pode tornar-se, a um só tempo, prática e sabedoria:

---

NEM TUDO PODE SER ABANDONADO,  
SUBSTITUÍDO OU REFUTADO SOB PENA  
DE SUCUMBIRMOS INTEIRAMENTE À  
BARBÁRIE DO CONSUMO DAS COISAS E  
DAS PESSOAS.

---

Em nossos livros de leitura havia a fábula do velho que, em seu leito de morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro escondido em sua vinha. Eles só precisariam cavar. E cavaram, mas nem sombra do precioso tesouro. Com a chegada do outono, porém, a vinha produz como nenhuma outra em toda a região. Só então eles perceberam que o pai lhes havia legado uma experiência: a bênção não se esconde no ouro, mas no trabalho. (BENJAMIN, 1986, p. 195)

Para melhor compreender o movimento das gerações, vale a pena seguir um encaminhamento proposto por Mannheim (1972), que consiste em distinguir no bojo de cada uma delas um *estilo peculiar*, que a diferencia da anterior. Este modo de agir e pensar, revelador de relativa uniformidade no seio das gerações, sedimenta-se graças a um *lugar comum* que determinados indivíduos ocupam numa sociedade. Uma geração, portanto – complementa Marialice Foracchi – não é uma classe social nem um grupo; ela é formada por gente que se situa “numa localização comum, numa dimensão histórica de um processo social” (FORACCHI, 1972, p. 20). Dos modos de agir e pensar destas pessoas se constitui um referencial, que é dado justamente por esta peculiaridade de comungar um estilo, capaz de permitir-lhes organizar e perceber singularmente as experiências de vida. Mannheim (1972) acrescenta que essa estilização mais ou menos estruturada de vivências não é algo uniforme, monolítico. Ao contrário, sua formação é dialética, o que implica dizer que o conflito de gerações pode muitas vezes ocorrer no interior de uma *mesma* geração, não se restringindo, portanto, estritamente ao embate entre gerações que são diferentes.

Por este ângulo, é possível perceber como as questões que envolvem gerações são complexas, pois, afinal, todos convivemos em meio a jovens, crianças, adultos e velhos, ao mesmo tempo. Quer dizer: habitamos um mesmo mundo, num mesmo tempo, com diferentes gerações. A particularidade a ser registrada é que *este mundo* e *este tempo* serão vistos e percebidos conforme as peculiaridades do estilo de uma dada geração, ou seja, da maneira pela qual ela organiza e estabelece sua vida. Estas experiências mais ou menos estratificadas dão uma espécie de identidade de vivências a uma geração. Permitem, ademais, que cada geração possa distinguir em relação à outra tanto as diferenças como os

---

HABITAMOS UM MESMO MUNDO, NUM  
MESMO TEMPO, COM DIFERENTES  
GERAÇÕES. A PARTICULARIDADE  
A SER REGISTRADA É QUE *ESTE*  
*MUNDO* E *ESTE TEMPO* SERÃO  
VISTOS E PERCEBIDOS CONFORME  
AS PECULIARIDADES DO ESTILO DE  
UMA DADA GERAÇÃO, OU SEJA, DA  
MANEIRA PELA QUAL ELA ORGANIZA  
E ESTABELECE SUA VIDA.

---

traços que mantêm em comum. Matteo, a personagem central do filme *Estamos todos bem* (Itália, 1990), afirma num trecho que: “Os filhos, quando crianças, você os vê grandes e, quando se tornam adultos, você os enxerga como se fossem pequenos”.

Essa é a imagem do pai e que, por certo, não coincide com a dos filhos, acerca da mesma situação. Mais ainda: na medida em que o tempo passa, dificilmente nos damos conta deste movimento, a não ser que o corpo nos forneça sinais a nos mostrar o contrário do que não podíamos, ou não queríamos, ver. Ferrigno (2003) colheu belos depoimentos que captam este instante de re-conhecimento:

“Por dentro não me sinto velha” – diz uma das entrevistadas. “Só quando olho no espelho é que eu vejo um cenário meio despencado (ri). Eu faço as mesmas coisas que fazia com 30 anos. Não sinto a velhice. (...) Por dentro dá a impressão de que o tempo não passou. Às vezes, por exemplo, você quer pegar um elevador e aperta o passo, aí você vê que teu corpo já não acompanha. Mas a cabeça já foi, é um relâmpago, o pensamento voa. Na feira, você já não pode comprar cinco quilos, compra dois quilos de fruta e já leva para casa porque você sente o peso quando vai pegar o ônibus.”

Marcelo Antônio Salgado já advertia, décadas atrás, que “o tempo é um direito de todos aqueles que estão vivos”, para em seguida exortar os idosos “a não aceitarem o lugar secundário que sociedade tenta lhes impor” (SALGADO, 1987).

É importante reconhecer, em contrapartida, que a existência dos mais novos no mundo, por si mesma, leva a um constante rejuvenescimento da sociedade e, neste sentido, mesmo que se contraponham às gerações mais velhas, os jovens ajudam a preservar essa mesma sociedade. Parece paradoxal, mas há traços do legado cultural que são capazes de absorver as críticas, são permeáveis à modificação e, portanto, capazes de persistir existindo, ainda que modificados. O conflito de gerações, em seus desdobramentos mais interessantes, tem como foco central a discussão entre valores e práticas que merecem ou não ser preservados.

A continuidade de certos traços, que vêm de gerações precedentes, é tida às vezes como estagnação ou ranço. No entanto, a preservação é também fundamental para assegurar a criação e transmissão da cultura assim como para garantir a sobrevivência de valores e concepções de

mundo, que precisam ser mantidos a fim de que ainda possamos nos reconhecer como defensores das criações mais elevadas do humanismo. Que outro contraponto pode nos trazer alento, senão esse, para fazer frente à força do dinheiro, com seu indiscutível poder de se sobrepor a valores eticamente mais altos? O dinheiro, mostra Simone Weil (1989), é um dos mais poderosos meios de desenraizar as pessoas, pois pede muito pouco de nossa atenção. Em nossa sociedade, diz ela:

(...) nada tem valor se não pode ser registrado em moeda corrente e seus centavos. (...) É uma deformação do espírito tanto mais compreensível porque os números são uma coisa clara, que se entende à primeira vista, ao passo que as coisas que não se podem traduzir em números pedem um esforço maior de atenção. (WEIL, 1989, p. 113)

Por sua vez, ao se pensar nas gerações mais jovens, em razão de suas próprias particularidades, pode-se supor que tenham o condão de trazer outras formas de percepção e de ação, que muitas vezes se opõem a valores e práticas, *a priori*, consagrados. A idade como categoria social (FORACCHI, 1972) expressa dimensões muito ricas, embora não seja o único foco de conflito; as contestações, o empenho em que as palavras correspondam aos gestos, as recusas em ser e pensar do mesmo jeito dos mais velhos também merecem alusão. Os jovens aprendem a ser adultos com os adultos, mas isso não se faz sem questionamentos e sem conflitos, o que equivale dizer que os jovens, ao menos potencialmente, podem amadurecer para a vida diferentes dos que os formaram. Segundo Foracchi (1972), eles são especialmente sensíveis às contradições entre *aquilo que se diz e aquilo que efetivamente se faz*. Uma vez efetivada, esta perigosa ruptura pode ensejar o rompimento do respeito mútuo, que é básico para o relacionamento entre as pessoas: desmascarar seguidamente alguém em gritante contradição é algo que conduz ao repúdio. Rompe-se a identificação e, com ela, a solidariedade. Mais do que um desligamento com a pessoa, muitas vezes, incide também sobre aquilo que esta pessoa representa ou representava.

## Possibilidades para diálogos entre gerações

Se as gerações sempre se conflitam, um diálogo sincero e promissor, promotor dos ideais maiores da humanidade entre elas, ainda é possível? Certamente que sim, porém tal postura requer que as diferenças não sejam motivo para diminuição nem de uma nem de outra. É importante que gerações distintas se vejam como iguais nos direitos e deveres e diferentes nos modos de ser e de agir. Crianças cuidadas por seus avós nas classes populares (OLIVEIRA, 1999) assim como professores jovens e alunos idosos (FERRIGNO, 2003) – guiados por princípios de igualdade e de respeito às diferenças – mostraram que gerações tão distantes são capazes de criar uma cultura original e de se influenciarem reciprocamente, a ponto de uma incentivar e promover a mudança da outra. Solidarizar-se com o outro é um gesto que demonstra responsabilidade e interesse para com as pessoas e para com o mundo. Essa rede de ajuda mútua é significativa para minorar, amenizar ou superar sofrimentos; é um gesto que conforta os outros e a multiplicação destas práticas contribui para que o universo social seja mais risonho.

A discussão sobre as diferenças sociais pode, eventualmente, induzir a mal-entendidos. Antes de tudo, é bom lembrar que a afirmação das diferenças não necessariamente leva aos preconceitos nem ao racismo. Isso somente ocorre quando a afirmação das diferenças é associada não à alteridade, que é o caminho aqui sugerido, mas à diminuição do outro, inferiorizando-o.

O racismo é a valorização generalizada e definitiva de diferenças reais ou imaginárias em proveito do acusador e em detrimento da vítima, a fim de justificar uma agressão ou um privilégio (MEMMI, 1993, p. 72).

O racista tem grande inabilidade para lidar com as diferenças; percebe-as como uma ameaça, de vez que a presença do outro é vista como perigo à sua integridade e à sua identidade. Frequentemente nos esquecemos de que a condição humana se alimenta de ambivalências: tanto é capaz da solidariedade quanto da destruição do outro. No racista, manifesta-se preponderantemente o viés predador: sente-se ameaçado, tem medo e ataca, formando um círculo vicioso. A atribuição básica do racismo é balizar e legitimar uma dominação. Recorre, algumas vezes,

---

A DISCUSSÃO SOBRE AS DIFERENÇAS SOCIAIS PODE, EVENTUALMENTE, INDUZIR A MAL-ENTENDIDOS. ANTES DE TUDO, É BOM LEMBRAR QUE A AFIRMAÇÃO DAS DIFERENÇAS NÃO NECESSARIAMENTE LEVA AOS PRECONCEITOS NEM AO RACISMO.

---

à valorização desmedida de si e à conseqüente desvalorização do outro para fundamentar e difundir comportamentos discriminatórios; noutros casos, postula a existência de raças e as hierarquiza em seu proveito, usando as diferenças como fator de discriminação.

Além da aversão ao outro, ou heterofobia (VINCENT, 1996), que é marca emblemática do racismo, outro perigo reside nos estereótipos, ou seja, nas imagens que remetem a generalizações banalizadoras, a caricaturas grosseiras sem reflexão apurada, a visões deformadas pela repetição irrefletida das coisas. Muitos são os estereótipos em torno da velhice; entre eles está a imagem de que uma pessoa, por ser mais velha, é refratária à mudança.

Os que puderam assistir ao filme *Viver* (JAPÃO, 1992), de Akira Kurozawa, logo se lembrarão da história de um velho funcionário público que, às vésperas da aposentadoria, vê-se acometido por uma doença grave e resolve fazer um balanço de sua vida. Pergunta-se a si próprio: “Que fiz nestes últimos 30 anos de minha vida?”. Ansiosamente busca uma resposta, mas não a encontra. Depois de sofrer intensamente a consciência de viver este drama e de buscar uma superação, ele a vislumbra não nas receitas de felicidade nem nas fórmulas exteriores, para as quais a princípio se inclinou, mas no exercício da própria atividade profissional, que ainda exerce. No final de seus dias, pôde viver a satisfação de vencer penosamente as artimanhas da organização burocrática e de assistir à transformação de um terreno, antes contaminado pela poluição dos esgotos, num singelo e acolhedor parque infantil, reduto de paz e alegria para mães e crianças. Que fez a personagem central para promover a ruptura? Voltou-se para a finalidade central de suas atribuições numa repartição pública: atender e promover os anseios da população. Saiu de trás da pilha de processos e foi lutar por uma causa que lhe pareceu justa, conferindo assim sentido à sua existência. Tornou-se exemplo expressivo de que a mudança sempre é possível, independentemente da idade, muito particularmente para quem não deserta dos ideais maiores, aqueles que transcendem aos interesses particulares e procuram abraçar o bem comum. Podemos, na trama vivida pela personagem, discernir por que “não é a força, mas é a coragem que é bela” (BOSI, 2003).

A coragem de mudar ensina que todos nós – velhos, jovens ou adul-

---

A CORAGEM DE MUDAR ENSINA QUE  
TODOS NÓS – VELHOS, JOVENS OU  
ADULTOS – SOMOS SERES INACABADOS  
E RECEBEMOS, A TODO INSTANTE,  
UM CONVITE SEMPRE RENOVADO DA  
VIDA PARA QUE ACEITEMOS ESSA  
CONDIÇÃO TRANSITÓRIA E TRATEMOS  
DE EXPERIMENTAR A RENOVÇÃO, A  
CADA MOMENTO.

---

tos – somos seres inacabados e recebemos, a todo instante, um convite sempre renovado da vida para que aceitemos essa condição transitória e tratemos de experimentar a renovação, a cada momento. Este caminho se areja e se ilumina se implicar adesão abnegada a um movimento de libertação capaz de redimir tanto oprimido quanto o outrora opressor, superando a situação injusta e transformando-a num exemplo vivo de humanização. “Ninguém liberta ninguém; ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (FREIRE, 1975, p. 63)

---

## Referências bibliográficas

- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 2. ed., trad. de M. W. B. Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- BENJAMIN, W. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Trad. de Celeste H. M. R de Sousa et al. Seleção e apresentação de W. Bolle. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.
- BOSI, E. Diálogo com uma aluna. *Universidade Aberta à Terceira Idade*. São Paulo, 1º semestre, 2003.
- \_\_\_\_\_. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. p. 16-41.
- FERRIGNO, J. C. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/SESC, 2003.
- FORACHI, M. M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- MANNHEIM, K. *Essays on the Sociology of Knowledge*. Trad. de P. Keckskemeti. London: Routledge & Kegan Paul, 1972.
- MATOS, Olgária. Depoimento em *Um velhices – um caleidoscópio de idéias sobre o envelhecer*. São Paulo: SESC, 2003.
- MEMMI, A. *O racismo*. Trad. de N. Pacheco e M. Terraseca. Lisboa: Caminho, 1993.
- OLIVEIRA, P. S. *Vidas compartilhadas*. Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.
- SALGADO, M. A. *A produção cultural dos idosos*. III Encontro Nacional de Idosos. Santos-SP, SESC, 1987.
- VINCENT, S. Heterofobia e racismo nas organizações. In: CHANLAT, J.-F. (Org.). *O indivíduo na organização*. Trad. de C. T. Costa. São Paulo: Atlas, 1996. p. 181-203.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Trad. de T. G. G. Langlada. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989.

## Referências de Filmes

- Estamos todos bem* (Stanno Tutti Bene). Itália, 1990. Dir. de Giuseppe Tornatore, com Marcello Mastroiani.
- História real* (The Straight Story). EUA, 1999. Dir. de David Lynch, com Richard Fransworth e Sissy Spacek.
- Viver* (Ikiru) Japão, 1952. Dir. de Akira Kurosawa, com Takashi Shimura.



# Entrevista: Tom Zé

**A**ntônio José Santana Martins ou Tóin Zé como é chamado pelos familiares, ou simplesmente Tom Zé como ficou conhecido do público, está entre os mais originais músicos e compositores brasileiros. Em 1968, obteve o primeiro lugar no IV Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, com a canção “São, São Paulo, Meu Amor”. Fez parte do grupo de artistas que no final dos anos 60 constituiu o movimento Tropicalista do qual também fizeram parte Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes, Gal Costa e outros. Nos anos 90 foi reconhecido internacionalmente graças à intervenção do músico David Byrne, ex-integrante da banda Talking Heads, que lançou sua obra nos Estados Unidos.

Irrequieto e criativo em sua vida e em seu trabalho musical, Tom Zé é uma figura desafiadora e cativante. Ao 72 anos de idade, mantém uma vitalidade que impressiona. Sua ousadia o tornou muito admirado pela juventude. Muito falante e com muitas histórias saborosas e engraçadas, Tom Zé nos recebeu em sua casa para uma memorável conversa.

**REVISTA** Como esta entrevista tem um caráter biográfico, comece nos contando sobre sua infância em Irará, interior da Bahia.

**TOM ZÉ** Eu nasci na “Idade Média”, na cidade de Irará, em 1936. Uma cidade que há 100 anos tem 3000 mil habitantes, com o seu tipo de vida, as relações religiosas, as relações míticas, as relações homem e mulher, as relações com animais, as relações com a terra, as rela-

ções com Deus, a metafísica. Falo da cultura que Portugal trouxe para aqui, encapsulada, depois de oito séculos de invasão árabe, que veio complementada com várias coisas que aconteceram do século VII até o século XV, em que os árabes se tornaram aglutinadores de cultura. Segundo Pedro Taques e Euclides da Cunha, as bandeiras paulistas que foram para o Nordeste não mais voltaram de lá. O que eles dizem é que foi por questões ecológicas. Acho que aquele clima terrivelmente doloroso acabou prendendo os que lá chegavam com algum tipo de paixão que envolvia uma atração pela terra e também uma certa imobilidade. O fato é que quem foi pra lá, ficou.

**REVISTA Então, você quer dizer que nasceu nesse clima cultural herdado dos europeus?**

**TOM ZÉ** Sim, quando eu nasci isso era latente. Dizem que no Nordeste não tem terremoto. É mentira. Lá tem uma espécie de vibração da escala Richter de cerca de 5,5, constantemente – de manhã, de tarde, de noite. É claro que isso é mais observável para pessoas com sensibilidade para arte ou coisa que o valha. Bom, mas como foi que eu nasci com isso em volta de mim? Vários incidentes me botaram mais dentro disso. Um pouco, talvez, pela minha suscetibilidade à cultura oral – porque a cultura lá é toda oral, uma vez que somos analfabetos. Mas o nordestino ama a cultura, tanto que, embora analfabeto ou por causa disso mesmo, pratica cultura o dia inteiro. Depois eu me aproximei ainda mais dessa cultura por causa de um evento. Meu pai tinha uma loja que vendia para o homem da roça, então eu, na infância, fui bilíngüe, ou biaculturado, porque a língua da cidade é uma língua, mas a língua da roça que falavam no balcão da loja era completamente diferente. Para eu dar uma idéia aos hodiernos, quero dizer, para eu dar uma idéia às pessoas de hoje que não tiveram a oportunidade, abram qualquer livro do Guimarães Rosa, principalmente o *Grande sertão: veredas*. É aquilo que se falava, é aquela língua.

**REVISTA Irará, sua cidade natal, fica fora do Polígono da Seca, não é?**

**TOM ZÉ** Sim, Irará está no Recôncavo, não está no Polígono da Seca. Por isso Irará foi beneficiada por não receber o dinheiro de seca que o governo federal mandava para o Nordeste e que acabava virando

aquela fonte de corrupção que manteve o Brasil neste estado doloroso durante cinco séculos. Irará também não tem grandes latifúndios. Até meu avô, imagine, foi considerado um dos latifundiários de Irará! Acho que essa música traduz o que eu quero dizer:

Você me chama de rico,  
mas rico é Benjamin,  
Benjamin parece que é,  
na feira Seu João Marinho,  
Benjamim Alagoinha,  
Na feira Seu João Marinho,  
no Irará Seu Pompílio,  
Serrinha que é ponto grande,  
só se fala no Coronel Nenezinho.

Então meu avô, até nas canções de folclore, estava presente. Mas isso, de ter uma fazenda ou outra, de ser respeitado como fazendeiro; tinha também várias outras implicações que ajudaram na minha formação cultural.

### **REVISTA Um ambiente importante de sua infância e que o ensinou muito foi o da loja de seu pai, não foi, Tom?**

**TOM ZÉ** Sim, vou lhe falar dessa loja. Bom, nessa loja me aconteceu o seguinte: eu não sabia que aquilo era cultura... eu não sabia nem que eu gostava daquilo! Eu comecei a amar o que aquelas pessoas praticavam. Irará é um município muito grande, um dos maiores da Bahia. Para vocês terem uma idéia do que é a Idade Média: o sujeito sai de sua roça a 4 ou 5 léguas de Irará – cada légua equivale 6 km – e caminha com a família para fazer a compra do ano, e vem no sol; a mulher vem com uma sombrinha. Quando eles entram na loja, meu pai manda pegar umas cadeiras e botar no balcão – o atendimento era para uma ou outra família por dia na loja, fora isso, uma ou outra bobagem – e aí bota bancos para eles sentarem e esfriar o sol – como se chama. Aí se chama o Henrique, que tem um bar vizinho e que tem uma geladeira a querosene, e serve refresco de abacaxi ou de limão, que era o que tinha lá *ad eternum*. E isso era uma espécie de recepção altamente luxuosa, porque o refresco vinha ligeiramente frio, a geladeira refrescava ligeiramente. Tirava dos 30° normais da cidade e botava nos 25°,

e aquilo era considerado... vinha um copo meio nublado da absorção da umidade da atmosfera. Muito bem, então durante 15 minutos essas pessoas conversavam com ele. Aí eles falavam na língua deles. Como criança aprende com muita rapidez, eu tinha 9 ou 10 anos quando comecei a trabalhar na loja, e o vocabulário todo você vai aprendendo com a maior rapidez; em pouco tempo você está sabendo tudo, sem saber que sabe, nem ligando para nada!

**REVISTA Você trabalhava na loja ou lá ficava sem um motivo definido?**

**TOM ZÉ** Criança, naquele tempo, não era consumidor de brinquedo, era investimento da família. A nossa família era considerada rica, porque meu pai tinha uma loja e loja era coisa de rico. Mas criança era investimento: eu varria a loja quando podia, ia buscar linha, tubo e outras coisas. Naquela época criança ia para a escola se o pai e a mãe decidiam – porque muitos filhos de rico entre aspas, como nós, não se alfabetizavam porque os pais diziam: O que adianta? Ele só vai precisar de um pouco de aritmética e tabuada, então não precisa botar o menino pra se aborrecer na escola.

**REVISTA Parece que a leitura de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, quando ainda era garoto, mexeu muito com você. Como foi isso?**

**TOM ZÉ** Bom, no 3º ano eu fiquei de segunda chamada porque eu perdi as aulas de ginástica. Aí minha mãe me botou estudando todo dia. Eu tinha horror de livro da escola! Eu fui um ótimo aluno de primário e de universidade. Mas o meu ginásio e o meu colégio foram uma desgrama! Quando minha mãe vinha para ver se eu estava estudando, era uma casa toda de assoalho, de longe eu já escutava, eu fechava a gaveta com os gibis e ficava com os livros da escola. Foi numa ocasião dessas em que eu estava sem gibis que eu vi um livro do qual já tinha ouvido falar: *Os sertões*, de Euclides da Cunha, um livro enorme! Então eu o peguei e comecei a ler. Aquela primeira parte era muito difícil para uma criança ler – criança que já tinha o vocabulário multiplicado, porque eu tinha o vocabulário da cidade, que já era maior do que é hoje, e o vocabulário da roça, que é muito maior do que o da cidade, o vocabulário da roça é uma sofisticação! Eu aí ia saltando aquelas primeiras páginas, e cheguei ao “O homem”, aí é que veio o primei-

ro alubrimento da minha vida. Quando eu comecei a ler esse trecho parecia que eu estava sabendo do que é que ele estava falando, eu até identifiquei que ele estava falando um pouco da loja em que eu trabalhava e das pessoas que eu encontrava lá. E aquela leitura foi me inflamando. O fato é que, depois de uns três ou quatro dias de leitura, eu me vi chorando no quarto e tremendo com muita emoção – eu chorava porque meu corpo não tinha as palavras para intermediar entre a emoção e o que acontecia nos meus nervos. Eu estava exposto, nu e até “sem pele”, porque é “sem a pele” que você enfrenta este tipo de contato, de alubrimento. Só aí eu vim a descobrir que a loja de meu pai era a universidade mais sofisticada que eu freqüentara, eu só vim a ter certeza disso não foi nem nesse dia – nesse dia eu só compreendi o meu amor – mas foi quando eu já estava na universidade. Foi quando uma colega chamada Ieda Machado, que até hoje trabalha na Bahia, um dia me disse assim: “Tom Zé, você anda dizendo que lê Guimarães Rosa. Você está mentindo! Guimarães Rosa é coisa de intelectual”. Aí eu falei assim: “Ah! Quer dizer que a língua da minha infância é língua de intelectual? Que coisa engraçada!”.



“QUANDO NÓS CHEGAMOS AQUI A SÃO PAULO, EM 1967, ESTÁVAMOS NOS APROXIMANDO DO PORTO DE ENTRADA DA SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, SE PRENUNCIAVAM OS MASTROS DO NAVIO EM QUE VINHA O COMPUTADOR, O PROCESSAMENTO DE DADOS, A LINGUAGEM DO CARTAZ, A TELEVISÃO.”

**REVISTA A riqueza desse universo cultural de sua infância foi decisiva para o seu trabalho musical? Foi inspiração para o Tropicalismo?**

**TOM ZÉ** Naquele mundo da Idade Média os animais e os trabalhadores eram tratados com extremo respeito; a gente tomava bênção aos mais velhos, a gente tomava bênção à empregada, quando era mais velha. Era uma coisa completamente diferente de como é hoje com funcionário, um trabalhador. Isso constituiu uma imensa riqueza para mim e para outros artistas, pois Caetano e Gil nasceram num mundo semelhante; isso fez o Tropicalismo. Quando nós chegamos aqui a São Paulo, em 1967, estávamos nos aproximando do porto de entrada da Segunda Revolução Industrial, se renunciavam os mastros do navio em que vinha o computador, o processamento de dados, a linguagem do cartaz, a televisão. E os artistas daquela época, Chico Buarque, Geraldo Vandré, Vinícius etc., etc., etc., que foram educados com a



“NÓS AJUDAMOS MUITO O BRASIL DURANTE A DITADURA POR MEIO DA CANÇÃO; A CANÇÃO É UMA GRANDE TRANSMISSORA DE IDÉIAS. E É CURIOSO, SE VOCÊS LEMBRAREM, QUE AS CANÇÕES DO TROPICALISMO NÃO CONSEGUIAM SER CENSURADAS..”

---

palavra escrita como eixo de transmissão de conhecimento, tinham pavor à televisão, à linguagem do cartaz, ao processamento de dados, e nós que éramos “analfatóteles”, analfabetos de Aristóteles, pensamos: “Como é isso?”. A gente viveu num mundo de cultura oral, não tinha a cultura escrita como base de comunicação. Então, isso tudo era uma novidade que nos interessava – e foi por isso que o Tropicalismo passou a ser o braço cantado ou o braço armado da Segunda Revolução Industrial. Nós ajudamos muito o Brasil durante a ditadura por meio da canção; a canção é uma grande transmissora de idéias. E é curioso, se vocês lembrarem, que as canções do Tropicalismo não conseguiam ser censuradas. Quando perceberam, já havia passado tudo e aí foram prendendo a turma. Eles estavam prontos para censurar “homens armados, amados ou não”, mas a “margarina, a gasolina, a penicilina e a piscina”, eles não estavam prontos para saber que seriam nossos patrões dali a dez anos, que a produção de cosméticos ia ser uma das maiores fontes de emprego e de sofisticação da sociedade brasileira, eles não sabiam que o computador viria a ser uma força ...

Astronauta, liberdade,  
minha vida me ultrapassa  
em qualquer rota que eu faça  
Dei um grito no escuro,  
sou parceiro do futuro,  
na reluzente galáxia.

Como censurar isto? Ou isto:

A equação me propõe,  
o computador me resolve.

Mas era isso que estava mantendo debaixo da sombra da ditadura o povo brasileiro em efervescência cultural, para vencer a ditadura e, para quando a ditadura acabasse, estar pronto para ser o que é hoje: um dos países que mais consome a modernidade, que mais consome a internet – seja ela boa ou ruim, não me interessa. Um país que imediatamente se adaptou à modernidade.

**REVISTA Com foi o seu relacionamento com o seu avô, Pompílio Santana, pessoa tão influente na cidade?**

**TOM ZÉ** Meu avô Pompílio botou todos os filhos para estudar, até as moças, minha mãe, tia Luíza e a tia Vanda se formaram. Mas ele não sabia nem o bê-á-bá! De onde esse homem tirou este tirocínio? Esse homem formidável, nos sofrimentos da minha infância, nunca entra. Meu avô era tido como turrão, aborrecido, não sei o quê, mas eu não me lembro de nunca ter passado uma vergonha com meu avô. No dia em que eu quebrei o braço, com 13 anos de idade, nem para minha casa eu fui com medo de apanhar, eu fui para a casa de meu avô. Na casa dele; ele era meu padrinho. Eu, como primeiro filho do segundo casal, segundo neto dele ou terceiro, eu fui afilhado dele. Era aquele negócio: chegava, tomava bênção. Eu não me lembro de nunca de ter passado nenhuma humilhação com meu avô. Era mão-dura, não dava nada a ninguém, nem a criança. Minha avó é que chamava a gente escondida para dar dinheiro na véspera de viajar. Hoje eu sinto talvez que ele me amava, mas ele não sabia falar isso – minha avó sabia, mas ele não. Então, eu vivia muito bem com ele. Mas todo mundo tinha de ter cuidado com seu Pompílio. Ele tinha uma coisa engraçada, ele dizia: “Ô, Genésia (minha avó), o filho de fulana de tal passou ali, de mão no bolso”. Menino botar a mão no bolso para ele era um desaforo. Por quê? Sabe-se lá! Menino de mão no bolso era um desaforo. E quando dizia que o menino também estava assobiando, aí pronto! Assobiando e com a mão no bolso, era o fim! Aí ele falava o dia todo sobre isso. Mas comigo não porque eu já sabia que não podia botar a mão no bolso e eu não botava! Para que botar a mão no bolso? Então ele nunca me deu nenhum problema, nenhuma decepção. Ele era uma criatura boa, amada por todo mundo, comerciante respeitado. Então a gente era tratada com o maior carinho por conta do respeito que tinham por meu avô. A minha infância teve tudo isso, mas tem uma parte toda de uma humilhação dos diabos.

**REVISTA Que tipo de humilhação?**

**TOM ZÉ** Meu pai era um homem pobre, mas se casou com uma moça rica. Minha mãe era de uma família importantíssima e meu pai era um homem muito simples e uma criatura boa, até hoje a cidade fala dele – ele morreu em 1970 e poucos e a cidade fala dele como fala

de meu avô, como se ele fosse um grande personagem. Mas era um homem de uma família cujos membros saíram do campesinato para ir à universidade, e isso pode causar problemas. Teve também um outro episódio com o padre da cidade, que até hoje tem filhos em Ipirá e que já andava começando a fazer suas estripulias, e que acabou largando a batina e se casando com uma índia. Essa coisa toda foi assumida pela comunidade. Mas em 1936 a vida era diferente. Meu pai, em certa ocasião, declarou a respeito desse padre: “Não. Eu não me confesso com um homem igual a mim, eu me confesso com um Deus, com uma entidade que representa a divindade”. Aí começaram a argumentar com meu pai e meu pai: “Não”. Aí meu pai abriu a boca, como ele sempre fez. Ele era conhecido em Ipirá como “cochicho”, porque ele só falava gritando. Dentro da loja, quando ele estava negociando, ele tinha uma coisa qualquer com um freguês: “Mas tal coisa assim, assim... por que você não me pediu? Está aqui...”, e ninguém ligava! Ele viveu trabalhando nessa loja com essa gritaria lá dentro e o povo que passava na rua dizia: “O Seu Elvino está cochichando!”. Aí começou a segregação contra mim. Começou nessa hora e foram episódios por cima de episódios diários, semanais, mensais, a vida toda até hoje! Eu tive muitos problemas por causa disso.

**REVISTA Tom, tem uma conversa de que você era entendido em eletrônica e em eletricidade na sua infância; que história é essa?**

**TOM ZÉ** A cidade tinha o rádio de galena, que era outra grande novidade. Poucas casas tinham rádio. Na casa do meu pai tinha um rádio com dois acumuladores e eu era o grande entendido em eletrônica de Ipirá, de acordo com o que meu pai achava. Ele dizia: “Peraí! Chama o Tom Zé para resolver o problema”. Quando descarregava o acumulador e tinha de trocar por outro, meu pai me chamava. Eu sabia apenas ver na garra o sinal + e no acumulador também o sinal de +. Então, meu pai via essas coisas e dizia: “Ah! O Tom Zé entende desse negócio!”. Outro caso: em 1949 estavam botando luz elétrica em Ipirá. Imaginem a novidade para uma criança! Eu fiquei na janela assistindo, desde a hora que cavaram os buracos para botar os postes de madeira até o momento em que a luz elétrica chegou a Ipirá. Eu só observava toda essa instalação sem perguntar nada porque criança não pergunta coisa para adulto. Chegaram os três fios grandes que vinham lá pra



cima do poste com 11.000 volts; aí botaram os transformadores para transformar em 120 volts. Você vai pescando ao olhar o pessoal fazer. Quando eles acabaram eu fui no lixo de lá de casa e fiz uma ligação trifásica com pilha e acendeu! Para você ver como é a silenciosa cultura, porque adulto não falava com criança. Mas a história não terminou: a luz estava para inaugurar num dia de domingo, é claro. No sábado eu tomei a ousadia – como o prefeito era meu tio Elísio, esse tio que estava botando luz em Irará, eu tive a ousadia de virar para um funcionário qualquer e falar: “Mas, escuta, vai ligar domingo e não vai experimentar para ver se a luz está aí mesmo?”. Ele disse: “Vai experimentar sábado de tarde”. Eu perguntei a ele, tomei a ousadia novamente: “Que horas vai ligar?”. Ele disse: “4 horas da tarde”. Eu disse: “Que horas a luz chega aqui?”. Ele: “Chega na mesma hora”. Aí eu falei: “Já não está falando comigo!”. Como é que chega na mesma hora, se Coração de Maria está a 42 km e era de onde vinha a luz, se para chegar lá de caminhão era meio dia de viagem? Como é que a luz ligava 4 horas e chegava às 4 horas? Eu calei minha boca e me escondi.

**REVISTA Como foi a sua passagem de Irará para o mundo, como foi o seu encontro com a música, sua ida a Salvador para estudar...?**

**TOM ZÉ** Não havia músico na família e, por isso, não tinha por que eu me interessar por isso. Eu me lembro que eu tinha uma flautinha, daquelas que criança recebe. Eu descobri que ela tinha uma escala de dó maior; é claro que eu não sabia que era uma escala de dó maior, mas eu descobri que ela podia tocar “Asa Branca”. Foi a música que me tirou de Irará. Renato Martins foi a pessoa que me botou no mundo artístico. Ele era filho de outra família importante de Irará: Seu Pedro Martins Portela; Dona Ceci Portela era mãe dele. A família dele era inimiga da minha família, porque, a partir de certo ponto, minha família, como gostava de mandar no que se metia, resolveu passar para o espiritismo de Allan Kardec, porque aí o padre não mandava nela. Tio Elísio era o próprio papa lá em Irará. E aí, é claro, com espiritismo e comunismo... metade da família era comunista... aí é claro que as outras famílias... era uma maneira de eu ser agredido, porque eu era o lado fraco deste mundo espírita e comunista. Bem, aí Renato, que se manteve meu amigo, fora de qualquer problema, foi quem fez minha

cabeça. Por exemplo, vamos ver como é que se faz a cabeça de uma criança: eu jogava bola contra o time de Alagoinha. O time de Alagoinha era muito melhor que o nosso. Esses acontecimentos, né? Aí Renato, na torcida, dizia: “Tom Zé, jogue com a cabeça”. Aí eu dentro do campo: “Jogar com a cabeça?”. Mas ele me falava com tanto carinho, me escolhia assim e me falava, olhando para mim: “Jogue com a cabeça”. Eu pensei: “Jogar com a cabeça? Tem que suspender a bola para cabecear? Como é que eu vou...?”. Mas depois eu entendi: “Não, ele está dizendo para eu tentar analisar o jogo e proceder de acordo com o que os outros estão fazendo – tanto meus companheiros e suas eficiências e deficiências quanto meus inimigos esportistas, é claro, com suas deficiências”. E assim foi a vida toda. Irará teve um cinema com motor, cinema dos anos 40 e tal, eu tinha 9 anos, o Renato passava na rua e dizia: “Tom Zé, você vai torcer para os artistas ou para os bandidos?”. Ora, uma pergunta como esta para uma criança é terrível! Como é que você vai torcer pelos bandidos? Era o mesmo que dizer: “Você vai torcer por Deus ou pelo Diabo?”. Eu ia para casa louco! E coisas como essas... Por exemplo, em Irará tinha um homossexual, porque naquele tempo essas cidades... Cada cidade tinha um que chamavam de viado! Cada cidade tinha um viado. Era uma coisa que não era... mas a sociedade de certo modo aceitava, a pessoa vivia conosco e tudo e tal. Aí, um dia eu saí do campo de futebol, já com 13 anos de idade – vejam que coisa fantástica! Naquele tempo a igreja sobre você – tudo era pecado e o diabo a quatro. Aí, engraçado! Quando você vai ter um *insight* na vida, você um dia amanhece sem dar sinal nenhum, você está completamente desprevenido, você está numa boa. Eu joguei, saí do treino mais cedo e entrei na tenda de Antonio, que tinha uma tenda de alfaiataria no beco onde vinha do campo de futebol. Aí entrei e pedi água ao rapaz – não quero dizer o nome do rapaz porque todo mundo vai reconhecer e isso não... mesmo hoje em dia os homossexuais são declarados e respeitados, mas eu não sei como é lá em Irará, não vou dizer. Aí eu disse: “Olha, eu quero água, fulano”. Ele falou: “Beba aí, rapaz”. Ele me deu um copo e de repente falou assim: “Tom Zé, quantos anos



“NAQUELE TEMPO A IGREJA SOBRE VOCÊ – TUDO ERA PECADO E O DIABO A QUATRO. AÍ, ENGRAÇADO! QUANDO VOCÊ VAI TER UM *INSIGHT* NA VIDA, VOCÊ UM DIA AMANHECE SEM DAR SINAL NENHUM, VOCÊ ESTÁ COMPLETAMENTE DESPREVENIDO, VOCÊ ESTÁ NUMA BOA.”

você tem?”. Eu falei: “13”. Ele falou: “Você já está batendo punheta para crescer o pau?”. Eu estava bebendo água, a água não entrava pela garganta adentro e eu fazia força para a água entrar para não parecer que eu estava perdido, pra não... eu saí de lá com uma visão completamente diferente da vida! Para você ver como é que a vida pode mudar de repente. Eu falei: “Ah! É assim para crescer o pau?”. Como se a sociedade esperasse isso de mim, como se fosse uma obrigação do cidadão crescer o pau! Como se muito pelo contrário, ao contrário do que se dizia, a pessoa fazendo coisa... Pra ver como é a educação, as grandes coisas da educação. Então eu fui para casa com outra visão do mundo, muito orgulhoso dizendo: “Não, eu tenho obrigações com a sociedade”. Eu fiz a tradução – porque Renato estava acostumado a botar em minha cabeça coisa difícil. Aí esta criatura quando botou isso, eu disse: “Ah, não! Eu tenho que atender a sociedade, tenho que cumprir minha obrigação social”. Vou para o sacrifício...

#### **REVISTA Mas você falava da música em sua vida...**

**TOM ZÉ** Sim, sim. Aí finalmente Renato deu o toque final na minha vida artística. Quando eu não tinha aula, ia às 5h da tarde para a praça, para ver as moças, isso em 1954; eu tinha quase 18 anos. Quando eu estava já perto da praça, perto da casa de Zé Freitas, Renato estava passando pela rua e me disse: – “Tom Zé, eu não toco mais flauta, agora eu toco violão. Você precisa ver como é bonito!”. Eu pensei: “Putaquepariu! Agora não”. Eu vi que as meninas já estavam chegando à praça – e eu tinha uma dificuldade terrível de arrumar uma namorada, então tem dia que você está mais valente e eu havia pensado: “Hoje é capaz de que eu consiga uma”. Eu ia para a praça muito animado com aquela data que podia ser importante. Mas eu não podia deixar de respeitar Renato, era uma pessoa que me dava atenção, falava coisas difíceis comigo. Eu, então, muito aborrecido, parei para falar com ele (Tom Zé pede licença para buscar seu violão). Eu vou pegar o violão para cantar para vocês verem como é que uma pessoa pode entrar na música por causa de um incidente. Aí Renato encostou a perna na janela de Zé Freitas e fez assim:

[Dedilha o violão]

Dó maior, porque todo mundo aprende primeiro dó maior.  
[Toca e canta].  
Eu não quero outra vida,  
pescando no rio de Jereré.

Pô! Na hora em que ele tocou este contraponto de primeiro grau, nota contra nota e movimento contrário – eu não sabia nada disso, fui aprender isso na escola, mas eu ouvi:

[Dedilha e canta]  
De Jereré.

Quer dizer, não dá para escrever na revista porque não tem som. Mas a voz faz dó, si, dó, ré [canta]. E o violão faz: dó, si, lá, sol [dedilha e canta]. Ah, minha senhora! As meninas foram esquecidas, minha vida parou, o tempo parou naquela hora. Dizem no interior que quando você mata uma formiga preta, que é uma formiga maior, o mundo escurece – acho que para evitar que as crianças... As crianças são terríveis, né? As crianças matam tudo! Então eu matei minha formiga preta. O mundo escureceu, sabe? Todo mundo já teve um momento na vida, todo mundo que está me lendo já teve um momento na vida que a pessoa entrou em parafuso, ou por uma dificuldade, ou por uma beleza, ou por um encanto – é o chamado alumbramento, ou coisa que o valha. Então, realmente, naquela hora eu fui arrebatado por isso. Eu não pensava em outra coisa.

### **REVISTA E assim o violão entrou em sua vida?**

**TOM ZÉ** Sim! No dia seguinte, eu mandei uma criatura que ia a Feira de Santana, que continuava sendo quase Paris – Irará ainda tem 3 mil habitantes, né? – pedi para ele comprar um violão e um método. Ele trouxe um método de Américo Jacobino, o Canhoto. Até hoje eu me lembro desse método, e eu passei a estudar violão. E aí você vai sem saber como é que faz aquilo – porque se eu via o Renato fazer, ou um outro violonista da roça que tinha em Irará, ou o próprio Compadre Quincas, filho desse padre com quem meu pai não quis se comungar, que era meu amigo e tocava violão bem; tocava nas serenatas. Eu passei a participar das serenatas. Quincas me ajudava um pouco. E aí eu ia para Salvador e lá tocava. E como eu na gaita já fazia uma ou outra

música... então eu estava fazendo música! A primeira música que eu fiz em Irará foi uma música com Zequinha, o maestro da banda, porque eu queria estudar música e queria que ele me ensinasse; e queria ficar em boas com ele. Era um negócio assim:

[canta e toca]

Quando o Zequinha,  
bota vento em seu trombone,  
tenho uma vontade louca de dançar.  
Se ele se anima, êita que o pau come,  
mas quando ele cochila o chorinho vai tocar.  
O padre Quincas vai tocando o violão,  
la, la, la, la, la  
e eu arrasto o pé no chão.  
Agora também fique reparando  
se o que eu digo não é verdade,  
porque eu estou apostando  
que você vai ter vontade de se ver  
com o sapato se arrastando  
e o couro se gastando  
até dar no couro do pé  
e ainda me diz que bom que é.

Nessa época eu fiz a música mais incrível da minha vida! Eu nunca fiz na minha vida uma coisa tão audaciosa como uma música chamada “Lavagem da Igreja de Irará”, porque nessa música eu tive também uma intuição muito grande... eu amava o folclore.

[toca e canta]

Zé, Zé, Zé Popô  
foguete no ar me anunciou  
Zé, Zé, Zé Popô  
foguete no ar é meu amor.

Ficava cantando isso três horas e a “banda de barbeiro”. “Banda de barbeiro” são músicos que têm uma banda parecida com banda de coreto, mas eles tocam de ouvido – e o maestro também é maestro de ouvido. Isso era muito comum. Eu aí tive a idéia de pegar o povo que eu via na lavagem, como Mãe Melânia, que ainda era uma jovem, agora tem 90 anos e ainda é minha mãe-de-santo. Parênteses: David Byrne, quando eu fui trabalhar com ele nos EUA, me perguntou:

“Quem é sua mãe-de-santo?”. Eu não tinha mãe-de-santo. Aí pensei: “Bom, vou pegar Melânia”. Nos meus discos produzidos fora do Brasil saiu assim “Spiritual Guide Melânia”. Mas, voltando: aí tive a idéia de quebrar o DNA da coisa folclórica, que era uma coisa religiosa, e meter o secular dentro. Então, ficou assim:

[canta e toca]  
Zé, Zé, Zé Popô  
foguetete no ar me anunciou.  
E aí quebrei o DNA:  
Irará é meu namoro  
e a lavagem é meu amor.

Veja que ousadia, nunca mais eu tive uma ousadia deste porte, de quebrar o eterno com o secular – ou talvez tenha tido a vida toda isso, né?

[canta e toca]  
Melânia porta-bandeira,  
com mais de 100 companheiras,  
lá vem puxando o cordão,  
com o estandarte na mão,  
em cada bloco de 5,  
das 4 moças bonitas,  
tem 3 no meu coração,  
com duas já namorei,  
por uma eu quase chorei.  
Zé, Zé, Zé Popô  
Foguetete do ar é meu amor,  
Zé, Zé, Zé Popô.

E aí eu ia botando aqui e acolá um trecho de folclore e um trecho de outra coisa. Uma das mais engraçadas é com Seu Pedro, que chamava Pedro Piroca – eu nem botei o nome dele porque piroca era nome feio aqui em São Paulo, eu botei Seu Pedro. Aí ficou assim:

[canta e toca]  
Quem chegou no céu com atraso  
foi Pedro Pingo Brejão,  
que se demorou comprando  
quatro peças de chitão,  
mas logo em sua chegada,



“MAS EU TAMBÉM ACHO IMPORTANTE ESSE COMPROMISSO DA CRIATURA HUMANA COM OUTRA CRIATURA HUMANA. EU ACHO ISSO MUITO IMPORTANTE, EU DOU GRANDE VALOR A ISSO.”

200 saias rodadas,  
ele deu ao povaréu,  
que organizou todo mês  
lavagem da porta do céu.  
Zê, Zê, Zê Popô.

E aí foi o religioso e o secular misturados na mesma... Hoje isso tudo já virou religião, já virou mito.

### **REVISTA Você era ou é religioso, Tom?**

**TOM ZÉ** Aí vem outra coisa que é uma encrenca. Eu nasci católico, minha família era católica. Mas tio Elísio preferia ser papa e não queria ficar no domínio do padre de Irará. Sabe como é, padre sempre briga aqui, acolá e tal. Ele aí adotou o espiritismo de Allan Kardec, que é o espiritismo chamado de científico – e aí o papa era ele. O meu pai foi o primeiro a se converter, então minha mãe, que era católica e que há muito tempo não ligava pra gente ir à missa, disse: “Não, vocês tem de ir à missa e irão para o centro espírita também”. Assim, a gente ia domingo de manhã para a chamada preleção do centro espírita. E ela aí botou a gente para ir à missa de manhã. Mas como o centro espírita dizia que era uma religião ecumênica, a favor de todas as religiões, quem quisesse podia se unir a eles. O protestantismo, que sempre existiu em Irará... a igreja batista estava praticante fechada em uma casa velha. Minha família foi para a dos batistas, incentivando: “Vocês devem voltar...”. Então eu fiquei com três religiões. Eu ia 8 horas para a missa, eu e meus irmãos todos; 10 horas para o centro espírita e 11 horas para o centro batista – que nós revigoramos de novo. Então, depois de tanta religião, eu não pude ficar com nenhuma, né?

### **REVISTA Você é ateu, Tom? Parece que você tem proximidade com práticas religiosas orientais...**

**TOM ZÉ** Não sou ateu, mas meu Deus é mais o Deus de Espinosa, o Deus do Tao, o Deus do Tai Chi do que o Deus de Abraão. Tem pessoas que se dedicam... por exemplo, tem uma pessoa muito inteligente, muito boa que é o Rogério Duarte, que é... como é que chama? Hare Krishna. Uma pessoa muito inteligente, fez as capas de Caetano. Mas eu nun-

ca entrei num ramo desse. Eu sou Hare Krishna, como sou Espinosa, como sou do Tao, como sou Lao Tsé, como admito a presença de uma regência superior que tudo ordena. Eu leio sobre a filosofia hindu, me alimento com isso, tento reger minha vida com essas coisas, mas não professo nenhuma religião. Imagina se eu tenho saco para ir a essas instituições religiosas. É claro que eu as respeito, mas não vou.

**REVISTA Você continua praticando o Tai Chi?**

**TOM ZÉ** Sim, eu continuo a praticar e faço aqui em casa. Quando não vou fazer na escola, faço aqui; acordo 3 horas da manhã, porque meu fuso horário, principalmente quando eu estou fazendo música, é de outro país, meu meridiano não é o de Greenwich, meu meridiano é outro. Eu acordo, tomo um bom copo d'água... o que melhorou muito minha saúde foi água morna – bebo muito devagar e depois faço Tai Chi ou Yoga. À noite eu leio sobre as filosofias da Índia com minha mulher. Tenho essa prática, que é ao mesmo tempo estudiosa e religiosa. Porque na Índia a filosofia não é uma tese que derruba outra tese com uma nova concepção de mundo, a filosofia modifica o homem e está sempre trabalhando na mesma direção e tentando progredir naquela intenção de cada um compreender mais a si próprio.

**REVISTA Você está casado há muitos anos, não é, Tom?**

**TOM ZÉ** Uma coisa que eu preciso dizer: eu sou casado há 38 anos e eu acho que é importante tomar conta de uma mulher e dar conta – como meu pai tomou conta e deu conta – além de eu ter amor por Neusa, é claro. Mas eu também acho importante esse compromisso da criatura humana com outra criatura humana. Eu acho isso muito importante, eu dou grande valor a isso. E outra coisa: quem é a intelectual daqui de casa é ela. Eu sou aqui em casa o analfabeto.

**REVISTA Você acha que as pessoas, à medida que vão ficando mais velhas, se voltam mais para o transcendente, para o misticismo? Você acha que há uma tendência e que isso é uma coisa importante e necessária, ou apenas uma conveniência pelo medo da morte? Como é que você vê essa questão?**

**TOM ZÉ** Parece que isso acontece com frequência, não é? Eu estou esperando que chegue esse momento, essa idade que pode imitar Simone de Beauvoir e se chamar idade da razão; pode ser que chegue a essa idade da intuição porque a intuição do homem é mais forte do que a paixão. Eu falo paixão no sentido da luta pela afirmação do ser humano e tal... Porque essa nossa paixão... eu me lembro de Jaime Ovalle, que era amigo de Manuel Bandeira e de Vinicius também, dizendo: “A vida, esta agitação sem necessidade”, ele teria dito isso na velhice ou na idade madura. As pessoas depois dos 50 anos começam a ter estas coisas – primeiro pela proximidade da morte, que é um momento muito importante; a morte é um momento formidável e deve ser um momento muito mais fácil do que nascer porque nascer é negócio difícil! O sujeito, sem nenhuma instrução, tem de mudar de posição no útero, ficar apontado para sair pela vagina da mãe como uma espécie de pênis invertido e aí, a uma certa hora, provoca uma dor terrível, por isso a mãe também quer expulsá-lo, e ele quer sair e os dois começam a lutar juntos por essa entrada no planeta, que é a coisa mais misteriosa que tem no mundo! E aí o sujeito está lá num calor gostoso, num bom conforto e de repente entra num mundo gelado! A criança deveria nascer vestida! Por isso eu acho mais fácil morrer do que nascer.

**REVISTA** Qual a melhor maneira, Tom, de viver a velhice?

**TOM ZÉ** Ah, isso eu não sei, sou tão ocupado, que não paro para pensar sobre isso!

**REVISTA** Pois é, você está sempre tão ligado em tudo, um estilo de vida tão diferente de muita gente que tem a sua idade. O que você acha dessa questão?

**TOM ZÉ** É, eu vou contar uma coisa a você: eu fui velho várias vezes desde os 20 anos de idade. Quando ficava de férias e não tinha o que fazer, eu entrava em depressão. Não ter o que fazer para mim sempre foi o estado da velhice. Eu já vivi muitos momentos assim. Posso passar por isso a qualquer hora, num intervalo entre um disco e outro ou por uma decepção que a gente sofre. Mas deixa eu lhe dizer uma coisa que eu acho mais importante. Eu tive contato com a velhice, com o que

hoje se chama velhice, talvez aos 20 anos, uma vez que eu fui para a casa de um tio meu que estava na praia. Quando eu cheguei lá de manhã, eu não tinha nada o que fazer e me senti tão mal dessa coisa que os velhos se queixam muito, essa depressão terrível que parece que a alma quer sair pela boca! Eu tive pequenas depressões mas me tratei com pessoas formadas em psicanálise, em psicologia e que sabem, exercem essa profissão com amor e habilidade, eu acho que são os santos deste mundo.

**REVISTA** Tom, conte como é que você resolveu pesquisar sons a partir dos mais inusitados objetos. Fale dessas suas experiências.

**TOM ZÉ** Quem sabe tocar bem em piano vai querer tocar enceradeira? Eu não sei tocar bem nenhum instrumento musical, então tanto faz tocar piano como enceradeira. E como ninguém toca enceradeira, eu acabei sendo o único. Também toco esmeril, buzina... Sabe como foi que começou? Em 1971, Neusa, minha mulher, me apresentou uma enceradeira com defeito que era para eu levar para consertar. Eu perguntei: “Qual é o defeito?”. Ela disse: “Aperte para você ver”. Eu apertava e soltava, a enceradeira fazia “pééééé, poc” e parava. Aí eu falei: “Parece instrumento musical”. Toca, pára, toca... porque uma enceradeira, se você desliga ela, leva meia hora: “Aaaa-aaaahh” [som da enceradeira desligando devagar]. Mas e uma enceradeira que toca e pára? Aí eu comecei a brincar: “Pá, ticapungadacom-pá, capunga...” [canta]. Tinha outra enceradeira mais velha aqui em casa e ela funcionava. Então, eu comecei a enfiar algodão, a enfiar palito – até que ela começou a fazer também “pātāpāpāpā” [reproduz o som da enceradeira]. “Puxa”, eu pensei, eu podia desenvolver um estudo sobre esse assunto.

**REVISTA** Que efeito você espera que suas músicas produzam nas pessoas? Numa certa entrevista você diz algo como “jogar um anzol no cognitivo”. Isso quer dizer que sua música é mais para ser pensada ou fazer pensar do que para emocionar?



“PORQUE NOS EUA, 60% DA CARGA É TRANSPORTADA POR ESTRADA DE FERRO, NO BRASIL 90 E TANTOS POR CENTO DA CARGA É TRANSPORTADA POR CAMINHÃO. É UMA FLORESTA DERRUBADA PARA TRANSPORTAR COISAS QUE PODEM IR NUM TREM! UM DESPERDÍCIO DE PNEUS, DE MÁQUINAS, DE GASTOS, DE ESTRADAS E DE VIDAS.”

**TOM ZÉ** Eu não tenho a capacidade que certos cantores têm de emocionar as pessoas, como, por exemplo, a Betânia, o Caetano, o Gil. A grande característica da minha obra pré-tropicalista, que o Tropicalismo botou debaixo do telhado dele, foi a de falar de assuntos que ninguém falava: a rua, a guerra da lagosta, o incêndio do teatro Castro Alves. Já aqui em São Paulo eu fiz o “Parque Industrial”. Quando foi feita essa música, acharam um absurdo! O Flavio Cavalcanti em seu programa de TV disse: “Isso não é música!”.

**REVISTA O Flavio Cavalcanti quebrou algum disco seu no programa dele?**

**TOM ZÉ** Eu não me lembro se quebrou, mas passou a noite dizendo que o meu trabalho era uma porcaria. Não me lembro se eu alcancei a dignidade e a grandeza de ser “quebrado”. Eu fiz uma música para Flávio Cavalcanti chamada “Sabor de burrice”, em caipira, que mostrava como o caipira é inteligente e como tem burro em todos os setores, inclusive na TV!

**REVISTA Tom, e o Hermeto Pascoal, outro grande inventor de sons. Você se identifica com ele?**

**TOM ZÉ** É claro. Eu sou fã dele, de carteirinha! Uma das entrevistas mais lindas que eu fiz foi relatando uma atitude de Hermeto. Hermeto chegou à Jovem Pan e, já no corredor, ele perfilou os músicos, desde a entrada, e entrou tocando. O pessoal da rádio ficou doido! Tiveram que interromper o programa por causa daquela banda de loucos. E aí foi aquela festa. Aí fiz um negócio lindo, peguei uma corda e comecei a me flagelar (fica em pé, simulando que chicoteia as próprias costas). Eu dei uma entrevista em que dizia: “Hermeto, deixe de ser desgraçado!” – e batia a corda em mim. “A gente está aqui sofrendo, você dá inveja demais na gente!”, e me batia “plá”!

**REVISTA Tom, e essa idéia de disponibilizar gratuitamente sua música na internet? O que você pensa disso?**

**TOM ZÉ** São os novos tempos! João Marcelo Bosco, diretor da gravadora, desde que o mundo foi afrontado por essa realidade, tenta resolver este problema – porque ele sabe que isso veio para ficar. Eu estou em uma gravadora agora e eu vou passar uns 10 anos sem falar nisso. A minha

gravadora vai ser a Biscoito Fino, que vai lançar o disco da Bossa Nova e nós vamos lutar para vender, porque o CD também ainda é uma coisa linda! Eu faço um trabalho, quer dizer, ele é todo sobre um assunto. O meu disco sobre a Bossa Nova conta a história desse movimento. Não é uma música aqui, uma música acolá como é o disco de todo mundo na face da terra! Não, eu não faço disco assim. Eu faço um trabalho que cabe dentro de um CD. Então, no meu caso, é bom comprar CD. O show aqui deve ser no SESC, que geralmente me dá o privilégio de fazer o lançamento lá. Quando eu fizer isso em novembro, deve ser em fim de outubro ou novembro, espero que as pessoas comprem o CD na minha mão porque eu vou dar o autógrafo. Chama “Estudando a bossa” – como eu já fiz “Estudando o samba”, “Estudando pagode” e agora “Estudando a bossa”.

**REVISTA O que você tem pensado do Brasil de hoje? Que perspectivas você vê para nossa população, para o povo brasileiro?**

**TOM ZÉ** Dizem que a população vai começar a diminuir; a partir de 2040 a população vai diminuir. A família brasileira já não tem 5 filhos, agora tem 2 só. Isso vai acontecer por causa daquelas tais linhas de estatística. Toda estatística um dia começa a baixar; a Aids começou a baixar não foi porque a medicina curou, foi porque começou a baixar; tudo começa a baixar, é da natureza das estatísticas. O Brasil vai melhorar no dia em que tiver estrada de ferro e planejamento familiar. David Byrne, que gosta de me botar para falar inglês, para ver se eu aprendo, me fez uma pergunta e me largou lá engasgado: “E o Brasil?”. Aí, na hora, angustiado pelo diabo da pergunta, eu disse a ele: “O Brasil vai melhorar quando se ouvir falar em estrada de ferro”. Porque nos EUA, 60% da carga é transportada por estrada de ferro, no Brasil 90 e tantos por cento da carga é transportada por caminhão. É uma floresta derrubada para transportar coisas que podem ir num trem! Um desperdício de pneus, de máquinas, de gastos, de estradas e de vidas. Já que a Igreja não permitiu fazer planejamento familiar e os governos não tiveram coragem de fazer, agora está havendo um planejamento familiar até por parte de gente sem instrução que começou a usar camisinha, apesar da proibição da Igreja. Assim não teremos mais essa superpopulação que ameaçava o próprio planeta Terra! O Brasil vai colaborar para a melhora da vida do planeta Terra e no próprio Brasil.

**REVISTA** Há previsões de que a partir das próximas décadas teremos mais velhos do que jovens na população brasileira e mundial.

**TOM ZÉ** É claro, se a medicina progride, se a alimentação vai melhorando e o cuidado sanitário também, a longevidade do brasileiro aumentará cada vez mais.

**REVISTA** Por falar em alimentação, Tom, como é a sua dieta?

**TOM ZÉ** Eu não como carne, eu como peixe – e espero que no próximo ano eu consiga parar de comer peixe também. Não é porque eu sou metido a besta, é porque teve um momento em que carne eu não podia mais comer, eu não agüentava mais, era violento demais para mim; depois frango ficou violento também. No futuro, a humanidade... O Arthur Clark, em seus contos, imagina uma humanidade que se alimenta só de algas marítimas. Como diz Rita Lee: eu não como nenhum cadáver. O ser humano precisou da carne, precisou ser caçador para se desenvolver. Na velhice não se precisa absorver tanta energia. Meu organismo, por exemplo, sabe tirar proteína do arroz. Em 1985, a macrobiótica me salvou a vida. A medicina não conseguiu descobrir a bobagem da doença que eu tinha; eu precisei fazer macrobiótica. A doença apareceu porque eu comia toda noite maçã sem casca. E comia muito sal, porque o único biscoito que eu comia não tinha açúcar, mas passou a botar sal demais para virar um “tira-gosto” – e eu, com preguiça, não tirava o sal que vinha em excesso. E aí eu comecei a comer muito sal, que dá ácido úrico, comia maçã demais; maçã sem casca para quem já tinha prisão de ventre como eu é o diabo! E aí, como o intestino nunca funcionava, eu não sabia que isso era necessário, eu não estava nem ligando, eu comecei a não ter fome, comecei a ficar fraco, comecei a morrer. Uma bobagem dessa e a medicina não descobria! Com a macrobiótica eu mudei completamente. Fiz a dieta dos dez dias de arroz. Dez dias de arroz é uma loucura! Era uma felicidade! Eu comia e ficava feliz, porque eu já não comia nada mais!

**REVISTA** Você é um cara muito admirado pela juventude. Os jovens têm afinidade com seus valores, com seu jeito. O que você... como é que você vê a juventude de hoje em relação à juventude de sua época?



**TOM ZÉ** Primeiro, a tendência de cada geração é dizer que os jovens estão diferentes – e aí ter medo deles. Por acaso eu sempre fui curioso quanto ao que a juventude fazia; e como eu era uma espécie de fabricante... meu principal produto não é música, é rebeldia – e rebeldia é uma proteína sem a qual a juventude não vinga! A rebeldia não é desobediência, rebeldia é outra coisa, é uma coisa muito mais profunda; e como eu produzo rebeldia, a cada ano meu público fica mais jovem. Agora está dando para ir meninos e meninas de 9 anos em meu show e saem felicíssimos!

**REVISTA** Há um conflito de gerações, na sua opinião? Os velhos pensam diferente dos jovens?

**TOM ZÉ** A tendência é a segregação. É o diferente que incomoda, é a incapacidade de conviver com a diversidade. Da mesma forma que o jovem segrega o velho, o velho segrega o jovem. Mas eu tenho conseguido um diálogo, embora não tenha me programado para isso. Eu

nunca fui amado por todos, é sempre uma pequena parcela da sociedade que vai aos meus shows, que marca encontro comigo. Então eu estou sempre lutando para atender. É a tal história de jogar o anzol, não é? E às vezes são pessoas que estão interessadas em desenvolver também o cognitivo, não só o contemplativo, e aí se interessam pelos meus shows. Eu estou sempre trabalhando nisto. Eu quero que vocês peguem o último disco que está na internet e comparem com o disco que eu estou fazendo sobre a Bossa Nova. Aparentemente um disco é absolutamente louco e o outro é absolutamente conservador. Agora vá ver o que tem nesse disco conservador! Tem o que os conservadores não fazem de jeito nenhum! Eu estou eternamente botando em questão o que está já definido como belo.

**REVISTA** Encerrando nossa conversa, você gostaria de fazer comentários finais, deixar alguma mensagem? Se quiser falar também desta nossa conversa, como é que você sentiu...

**TOM ZÉ** Olha, foi ótima! Porque... olha, vou dizer uma coisa para vocês: quando você raciocina e a outra pessoa presta atenção é meio que lhe dar corda. Então eu sou um relógio de corda. Quando a pessoa presta atenção e me dá corda, aí vira o diabo! Uma mensagem... quero fazer uma mensagem: já que os moleques de 6 e de 9 anos estão indo ao meu show, que as pessoas de 60 e 90 passem a ir também porque é muito alegre! Eu vou contar só um caso. No mundo do folclore as donas de casa conversam muita baixaria – porque antigamente não existia baixaria na revista, na televisão; hoje tem educação sexual, mas antes era preciso que a própria família cobrisse essa falta. Então uma vez eu fui fazer um show em Taubaté, no SESC, e quando eu vi muitas senhoras donas de casa na platéia, mães de família, e eu pensei: “Ah, não pode ser um show normal. Hoje é meu show de baixaria”! Porque há um repertório enorme, inclusive canções pornográficas. Lá na Bahia pornografia é outra coisa, não é aquela coisa suja; pornografia é um negócio alegre, como pipoca na panela quando começa a estourar. Então foi uma felicidade para as senhoras, porque elas sabiam que na idade delas elas tinham de suprir o que a educação sexual não dava. Então, eu quero dizer isso às pessoas da minha idade e até aos mais velhos do que eu: apareçam também! Obrigado a vocês do SESC, que têm feito muita coisa pela Terceira Idade.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS NA REVISTA A TERCEIRA IDADE

A revista A TERCEIRA IDADE é uma publicação interdisciplinar, editada desde 1988 pelo SESC – São Paulo, quadrimestral, e dirigida aos profissionais que trabalham com idosos. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual sobre Gerontologia e seu propósito é publicar trabalhos técnicos e científicos nessa área, abordando aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

### NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)

- As traduções devem estar acompanhadas das autorizações dos autores.

- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.

- Todos os artigos enviados, e que estiverem de acordo com as Normas, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico, ou outro meio que tiver informado, e terá(ão) direito a receber 03 (três) exemplares do número em que seu artigo for publicado.

Devem ser enviados para o endereço eletrônico

revista3idade@sescsp.org.br

- O(s) autor(es) deve(m) enviar uma breve nota biográfica contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do SESC, podendo ser reproduzidos em outra publicação técnica. O autor também autoriza disponibilização no sítio [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)

- Os artigos aceitos somente serão publicados com autorização por escrito, do(s) autor(es), cujo modelo será enviado pela Comissão Editorial. O não recebimento da autorização preenchida e assinada pelo(s) autor(es) cancelará a publicação do artigo.

- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e qualquer modificação substancial será submetida ao(s) autor(es) antes da publicação.

### APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

a) Os trabalhos deverão ser apresentados na forma de arquivo digitado em programa Word for Windows e devem conter entre 15.000 e 25.000 caracteres.

b) *RESUMO*: Deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (palavras-chave)

c) *ABSTRACT*: O resumo em inglês também conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (keywords)

d) No artigo devem constar as seguintes partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais.

e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

f) Toda e qualquer citação no texto, seja formal (transcrição), seja conceptual (paráfrase) deve ter obrigatoriamente identificação completa da fonte. Esta identificação aparecerá sob a forma de referência bibliográfica e deve ser colocada no texto (sobrenome do autor, ano e página de onde foi extraída a citação).

g) As notas, sejam de referência, sejam explicativas, devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos na ordem em que surgem no texto e podem aparecer em notas de rodapé ou no final do artigo.

h) *ILUSTRAÇÕES*: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.

i) *FOTOS*: No caso de utilização de fotos, estas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (O SESC poderá encaminhar modelo). As fotos deverão ser encaminhadas para o e-mail da Revista, em alta resolução, mínimo de 300 dpi.



**ATERCEIRA IDADE** Estudos sobre Envelhecimento

**20**  
anos

1988 - 2008



O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 31 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

#### **Conselho Regional do SESC de São Paulo**

2004-2010

**Presidente:** Abram Szajman

**Efetivos:** Benedito Toso de Arruda, Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Vampré do Nascimento, Eládio Arroyo Martins, Elisete Berchiol da Silva Iwai, Ivo Dall'Acqua Júnior, Jair Toledo, Jorge Sarhan Salomão, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, José Santino de Lira Filho, Lucíola Rodrigues Jaime, Manuel Henrique Farias Ramos, Valdir Aparecido dos Santos, Wallace Garroux Sampaio

**Suplentes:** Amadeu Castanheira, Arioaldo Maniezo, Arnaldo José Pieralini, Carlos Alberto D'Ambrósio, Dan Guinsburg, João Herrera Martins, Luiz Antonio de Medeiros Neto, Mariza Medeiros Scaranci, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab

#### **Representantes do Conselho Regional Junto ao Conselho Nacional**

**Efetivos:** Abram Szajman, Euclides Carli, Raul Cocito

**Suplentes:** Aldo Minchillo, Costábile Matarazzo Junior, Ozias Bueno

**Diretor Regional:** Danilo Santos de Miranda

**SESCSP**  
www.sescsp.org.br  
0 8 0 0 - 1 1 8 2 2 0

**ATERCEIRA**  
**IDADE** Estudos  
sobre  
Envelhecimento  
**20**  
anos  
1988 - 2008

ISSN 1676033-6  
43  
9 771676 033005

**TOM ZÉ**